Cinearte

ANNO VI N. 265
BRASIL, RIO DE JANEIRO, 25 DE MARÇO DE 1931
Preco para todo o Brasil 1$000

FRED MOULIN

DENNIS KING

Publicação das mais cuidadas e impressa em rotogravura, o

CINEARTE - ALBUM

está á venda em todos os jornaleiros do Brasil, mas se houver falta nesses jornaleiros, enviem 9$000 em carta registrada, cheque, vale postal ou em sellos do Correio á

Gerencia do CINEARTE - ALBUM

RUA DA QUITANDA, 7 — Rio — que receberão um exemplar

Preço 8$000, -- Nos Estados, ou pelo Correio, 9$000

CINEARTE

Ruth Roland, nos primeiros tempos do Cinema, numa scena de um film sensacional, ao lado. de Marshall Neilan que depois se tornou um celebre director.

ANNO VI
NUM. 265
25
MARÇO
1931

Os passaros emigrarão de Hollywood se continuar a epedimia de films aereos...

Uma scena de " L'ombre ", velho film italiano de Nicodemi, tendo Vittoria Lepanto como estrella. E' a scena final. Já se vê. Assim terminavam todos os films italianos. Depois dizem que o Cinema americano se aproveitou da guerra.

NOS precedentes artigos temos procurado demonstrar que a censura cinematographica só por excepção constitue funcção policial.

De facto, correndo a lista dos paizes em que essa censura existe vemos que só na China, Grecia, Brasil e Portugal constitue ella funcção ou attribuição policial.

Em todos os demais foi creado sob a subordinação de um Departamento Superior de Administração, por via de regra o Ministerio da Educação

Assim é na França, assim na Australia, na Austria, na Belgica, Chile, Cuba, Dinamarca, Equador, Egypto, Allemanha, Guatemala, Hollanda, Honduras, Hungria, India, Italia, Jamaica, Japão, Yoga-Slavia, Albania, Lettonia, Nova Zelandia, Nicaragua, Noruega, Perú, Rumania, Russia, Suecia e Inglaterra.

Vê-se bem a orientação como é geral, especialisados os paizes em que taes assumptos são levados a serio.

A constituição dessas commissões de censuras varia, como temos já observado.

Em todos, porém, o criterio predominante é confiar a censura a um grupo.

Não é a censura individual é a collectiva.

São os criterios pessoaes de varios individuos equilibrando-se uns aos outros, corrigindo-se elles proprios os excessos possiveis, creando um termo medio em que não soffram os interesses do publico mas não periguem demasiadamente tambem os dos commerciantes, empresarios das diversões cinematographicas, o que é difficil succeder com o arbitrio policial.

Na França é a censura constituida por 32 membros, nomeados, pelo Ministro da Instrucção Publica e Bellas Artes.

Na Autsralia o Board of Censors compõe-se de 3 membros, um delles do sexo feminino Ha ainda um Board of appeal, para os recursos contra as decisões daquelle, composto tambem de 3 membros, um delles mulher.

Na Belgica a lei não permitte a entrada em Cinema de pessoas de menos de 16 annos, a não ser quando se exhibem films permittidos pela censura com essa clausula.

No Chile a classificação censorial é de films permissiveis a menores de 15 annos e films só para adultos.

Em Cuba a commissão censorial é de 9 membros, presidida pelo Ministro do Interior.

Na Dinamarca a Commissão de Censores compõe-se de 3 membros. Os films são classificados em 3 categorias: a) permissiveis a todos; b) para pessoas maiores de 16 annos; (c inteiramente prohibidos.

Na Hollanda a Commissão de Censores compõe-se de 60 membros (Lei de 1º de Março de 1928).

Na Italia a Censura foi reorganizada pelo Regulamento de 9 de Abril de 1928. A Commissão compõe-se de:

1 representante do Ministro do Interior;
1 magistrado da Côrte de Justiça;
1 mãe de familia;
2 membros nomeados pelo Ministro da Economia Nacional;
2 idem, idem pelo Ministro das Colonias.

No Perú a Commissão é de 7 membros presidida pelo Ministro da Instrucção.

Na Rumania a Commissão Censorial compõe-se de 16 membros, sob a jurisdicção do Ministerio do Interior.

O funccionamento é o seguinte: um unico membro vê o film; se o rejeita, ha recursos para um julgamento por tres censores; pode-se ainda em caso de condemnação recorrer para a commissão plena.

Na Suecia a commissão é de 4 membros nomeados pelo Rei. A censura é muito severa.

Na Inglaterra a commissão é composta de cinco membros.

São essas as notas rapidas que a escassez de espaço nos permitte fornecer aos leitores.

Por ellas, entretanto, se verificará perfeitamente como sempre defendemos a boa doutrina.

Cinema do

Didi Viana esteve em ferias. Deixou a sua caixa de maquillagem no Studio e foi até a Araçatuba onde actualmente reside a sua familia no Estado de São Paulo. Viajou incognita, mas na capital paulista não foram poucos os que a descobriram e todos os jornaes noticiaram a sua passagem, não se esquecendo de lembrar com carinho a dadiva que Ipaussú, cidadezinha de café, deu ao Cinema Brasileiro.

E' a primeira vez que Didi Viana visita a familia desde que veiu para o Rio.

Em Araçatuba os jornaes a entrevistaram. O Cinema local por intermedio da gentileza do Sr. Amadeu da "Empresa Cine Noroeste", offereceu-lhe uma friza especial. Didi foi assistir "Rio Rita" e toda cidade foi ver a estrellinha do "Preço de um Prazer".

A "Agencia Paulista" de jornaes expoz alguns exemplares de "Cinearte" com as suas photographias. Recebeu uma porção de convites para passeios. Recebeu uma porção de visitas, algumas de cidades mesmo um tanto distantes. Foi convidada para um chá na casa da familia do Sr. Damião Netto, jornalista e uma das figuras mais representativas da sociedade de Araçatuba.

E seria maior o seu successo se não fosse tão curta a sua permanencia em casa e Didi não quizesse aproveitar para passar a maior parte de tempo possivel, ao lado dos seus.

Celso Montenegro e Leda Léa numa scena de "Mulher" da Cinédia.

Lygia Sarmento está no theatro mas o seu coração pertence ao Cinema, nós sabemos bem! E já é a estrella de "Alvorada de Gloria" que Del Picchia está produzindo em São Paulo.

Antonieta Olga é uma das veteranas do nosso Cinema. Figurou em "Amor e Bohemia" e outros films daquelles tempos em que o Cinema Brasileiro teve um bom começo e não teve quem continuasse, persistisse um pouco.

Hoje não estariamos a começar outra vez e a fazer tudo de novo. O publico é uma bolha de sabão e com a producção e a publicidade não teria esquecido tanto Antonieta Olga e sua arte. Agora, a Mary Carr de outros tempos do Cinema Brasileiro e que tem sido tambem uma figura de relevo em nosso theatro, voltou. Vae apparecer nos tres proximos films da Cinédia: *Mulher*, *O preço de um prazer* e *Ganga Bruta*.

Brasil

Lemos no "O Girasol" da cidade de Leme, Estado de São Paulo:

"OBJECTIVA: — Fazer um film não está no ról das cousas facilimas, mas está longe de ser cousa difficil, desde que haja perseverança e boa vontade por parte dos que pretendam realizal-o.

Nem todos os films custam milhões.

"Mocidade Louca", fita nacional, cujo desenrolar o autor destas linhas acompanhou desde os originaes da historia até a "viragem", custou apenas o esforço dos que a representaram.

Assim, agora que *Objectiva* pretende fazer um film aqui em Leme, isto será um facto realizado, desde que haja amadores esforçados e de boa vontade. Já se tem a adesão de quatro optimos elementos, dois dos quaes, têem um passo andado, conhecedores que são da arte theatral. Isto, sem contar o Beija, que se adaptará perfeitamente em papeis chistosos, e sem contar um artista já experimentado, José Dutra Simões, que já trabalhou em diversos films e actualmente desempenha papel de relevo na filmagem de "Ao cahir das folhas", historia do autor destas linhas.

Tudo está mais ou menos estabelecido. Será uma fita modesta, sem pretensões outras que não a de contribuir, tambem nós, com pequena parcella de propaganda pela cinematographia nacional. Será filmada em quatro domingos e não trará a cargo de Pablo Junior, A historia está a cargo de Pablo Junior, que tomará por scenario as margens de rio navegavel; e nesse caso o Moji Guassú.

Pessoas distinctas da nossa sociedade, interessam-se pela iniciativa e promettem o seu apoio moral.

Falta por mãos a obra — o que é para breve e com boa disposição.

E já não se diz franco exito, gloria, etc. — mas se uma recepção animadora aguarda o que se pretende realizar, á mocidade lemense, se lhe depara, facil de trilhar uma vereda promissora.

A. D. N."

Lucy Déa figurou em "O Mysterio do Dominó Preto".

O dia 16 de Março marcou o primeiro anniversario da Cinédia. Depois da filmagem desse dia, os artistas de "Mulher" e outras figuras que appareceram no Studio para felicitar Adhemar Gonzaga, commemoraram a data levantando um brinde a "Cinédia". Foi uma pequena festa intima, sem convidados, a qual figuraram, como se vê, Gina Cavalliere, Carmen Violeta, Celso Montenegro, Decio Murillo, Luiz Sorôa, Milton Marinho, Ernani Augusto, Carlos Eugenio, Humberto Mauro e outros.

Mechita Cobos do Cinema

UMA DAS ESTRELLAS DE "AS ARMAS!", FILM BRASILEIRO DA *CRUZEIRO DO SUL*.

A sala de espectaculos estava repleta. A Federação Hespanhola, pelo seu gremio dramatico, o mais afinado e connexo de todos os bairros, ia fazer representar o drama **A Filha do Estalajadeiro.** Havia emoção, em todos, porque a peça era conhecida e o centro dramatico, de fama e reconhecida competencia, seria, mais uma vez, com toda a certeza, o idolo de toda aquella platéa de socios e amantes da arte theatral.

Antes de começar a peça, entretanto, o secretario do Club, diante da assistencia toda attenta, annunciou que o referido artista estava impossibilitado de tomar parte na representação, aquella noite, pois acamara, subitamente indisposto.

Um sussurro de descontentamento percorreu toda a platéa. A voz do secretario, continuou irritando.

— Em seu seu logar, presados consocios, figurará um amador dos mais jovens e esforçados que temos. Chama-se Emilio Cestari e o que já fez, em materia de theatro, tem sido pouco para recommendal-o, é verdade, comtudo sua força de vontade é enorme e, com certeza, procurará accertar.

Retirou-se o director. Os murmurios e o descontentamento continuaram.

— Mas elle nem estudou o papel!

— Vae **matar** o desembenho!

— E lógo esse papel! Que pena...

E era um fala fala, um disque disque sem fim...

Atraz do panno, entretanto, uma figura pallida, immensamente pallida, debaixo de toda pintura as caracterização, pulsava, descompassado, seu coração joven e emocionadissimo. Era Emilio Cestari, o mesmo que, annos depois, seria o Emilio Dumas tão conhecido das platéas que admiram o Cinema Brasileiro e sabem prezar e valorizar seus bons artistas.

Era natural a sua commoção violenta. Avizaramno na vespera. Era verdade que o papel ha muito o fascinava, embóra, timido, nem siquer idéa tivesse de o interpretar. Uma vez, entretanto, disséra a um dos companheiros que era seu ideal vivel-o para a emoção de uma platéa. E esse mesmo companheiro, tempos depois, arranjava-lhe, nas circunstancias já descriptas essa mesma opportunidade...

— Emilio, queremos que você, amanhã, encarregue-se do papel do Luiz.

— O que?

— Sim, do papel do Luiz. Você não o queria interpretar?...

— Mas, meu amigo...

— Amisade, é você acceitar, Cestari!

Elle nada respondeu. Comprehendeu o que era apanhar um manuscripto ás 9 da noite, para, no dia seguinte, ás mesmas, representál-o, o mais perfeitamente possivel. Mas acceitou. Não tinha, mesmo, naquelle instante, forças para engeitar. Era a sua extrema opportunide de vencer. Durante as horas de labuta, quando, longe dos palcos seus queridos, pensava naquelle papel, sentia até um arrepio. Era a occasião de acceital-o.

E ali estava elle. Pallido, emocionado, o primeiro a entrar em scena. Houve a campainhada a pedir silencio e, depois, as pancadas do contra regra. Toc, Toc, Toc, Toc, Toc, e um intervallo. Depois, pesadas, duras, malhando-lhe o cerebro, mais tres, as finaes e fataes...

— Toc, Toc, Toc!!!

O rasgar do panno e, diante do publico, um novo artista. Moço, cheio de aspirações, cheio de vontade de caracter. Gago de emoção. Violentamente chocado.

A luz, os olhos, todos, pregados nelle. Fizeramno sentir uma tonteira grande. Caminhou, quasi cambaleante. O ponto abriu a primeira phrase. Elle fechou os nervos e os musculos, todos, num esforço supremo e entrou pelo drama a fóra.

Não era deslumbramento o que sentia aquella platéa. Era, antes, estupefação!

O artista que tinha, diante dos olhos, não era o commum amador, cheio de gestos largos, **a la** Zacconi e nem o profissional, cheio do somno e preguiça, antes querendo chegar ao fim do papel do que vivel-o bem... Era um homem novo, esperançado, cheio de amor á arte. E seus gestos, suas attitudes, eram profundamente differentes do outro artista, aquelle que adoecêra. Era novo, moderno, na sua representação. Agradavel, sob qualquer aspecto. Na scena mais dramatica, no arroubo mais sentimental, era de medidas dosadas, iguaes. Nem se atirava aos gestos tragicos e nem esbarrava pela sobriedade do mediocre. Era todo paixão pelo papel, todo revelação, para a platéa. Ao fim do primeiro acto, fascinava. Quando o segundo foi engulido pelo cahir do panno, deslumbrava. Ao final, então, arrancou as palmas mais quentes, mais vivas e o enthuziasmo maior que ali já se conheceu.

— Emilio! Cestari! Emilio!!!

Eram gritos que se ouviam. Elle não se convenceu e nem se surprehendeu. Agiu com elegancia, até ali: agradeceu, simplesmente e correu para seu camarim. Lá, manchando a pintura do rosto, viu, no espelho, duas lagrimas que lhe queriam saltar ao sólo. Meigo, amparou-as na ouéda, com seu lenço e lhes disse, guardando-as, preciozamente:

— Minhas primeiras perolas de successo, eu vos agradeço!...

Quem e' Emilio Dumas

...

Foi assim, pode dizer-se, que Emilio Dumas, naquelle tempo Cestari, iniciou sua carreira artistica.

Nascido em S. Paulo, em 3 de Janeiro de 1898, a rua José Monteiro, 70, tinha, como todos os que abraçam a carreira artistica, desde menino a sua vocação cerrada. Aos 18 annos, já era do corpo scenico da Escola de Plastica e Amigos do Theatro e, crescendo attingiu os melhores papeis na sua carreira de amador. O theatro profissional, entretanto, nunca o attrahiu. Acha que é mechanizar a arte. Aprecia, sempre, o theatro de amadores, o sincero, o expontaneo.

Léonardo, o Pescador, Os Dois Sargentos, Jocellyn, Pescador de Balleias, foram seus grandes successos. Relembrou-os, todos, mansamente, devagarinho, como o ancião que falheia o caderno de **Saudade** e lê as paginas doiradas da mocidade que se foi. Depois, quando viu que já existia Cinema, no Brasil, achou que era melhor encaminhar-se para esta arte. Elle era observador: entrava num theatro, assistia **Gli Espetri,** de Ibsen, **Morte Civile, Il Pane,** todo o repertorio de Ermete Zacconi, em summa. Depois, num theatro menos forte, as comedias, os dramas sentimentaes, as farças, mesmo. Notava; sempre, perfeito. Admiravel, da primeira á ultima scena. Citou Leopoldo Fróes, Procopio Ferreira, Jayme Costa, Raul Roulien. Mas o resto do elenco? Um pleiade de rapazes e moças de pouco gosto e pouca vontade. E, dahi, o grande, o enorme desequilibrio. No Cinema, entretanto, quando ia assistir a um film, via GeorgeBancroft, Evelyn Brent, Clive Brook, Fred Kohler, Willian Powell, Larry Semon... **Paixão e Sangue!!!** Que colosso!!! Nenhum artista mau. Todos bons, sem excepção! Por que seria? Começou a pensar. Deduziu: ha alguem atraz disso e, em seguida, encontrou a figura do director. Comprehendeu que o Cinema é o quadro aonde o director, pintor emerito, lança as suas **tintas.** O azul jamais é de mais e nem de menos. O branco é igual. O amarello entra na occasião opportuna. O vermelho é sempre uniformé. Não ha desigualdade. O equilibrio é constante... Preferiu o Cinema.

Perversidade, Como Deus Castiga, feitos por José Medina, com Gilberto Rossi operando, foram seus primeiros trabalhos diante de uma objectiva. **De Rio a S. Paulo para Casar,** depois, num papel de juiz, tambem dirigido por José Medina, ao qual fez muito boas referencias.

Iniciou-se na arte Cinematographica. E, um bello dia, recebeu um convite, o maior que já lhe haviam feito: para interpretar o papel de pae de Isaura, a escrava, no film **Escrava Isaura** que Metropole ia fazer e Marques Filho dirigir. Quem o convidou foi o proprio Marques, lembrando-se dos tempos em que haviam contra-scenado em **De Rio a S. Paulo para Casar.** Acceitou com prazer, com paixão, mesmo. Era o grande papel da sua vida. Falando desse film, elle nos disse, tendo, nos olhos, a nuvem gostosa da recordação.

— Foi a scena da prisão a que mais me impressionou e aquella que fiz com toda minha alma. Nem pode imaginar! Eu tinha que aconselhar minha filha a acceitar o marido deformado, indigno, só para se salvar e a mim. Nem imagina o quanto fiz aquillo com alma e sinceridade!

No emtanto, quando o film foi estreado e elle se sentou, na platéa, para assistir, teve, do seu papel, a peor das impressões. Enfiou o chapéo na cabeça, sahiu soturno, amargurado. Tinha a impressão exacta de que fôra um fracasso. No dia seguinte, lendo as criticas, constatou que era tido como das melhores figuras do film. Voltou a ver seu trabalho e, desta vez, calmo, sem temer. Alegrou-se, depois.

Falámos delle, de sua carreira. Além dessas cousas, Emilio Dumas nos disse muitas outras, tambem interessantes e referentes ao Cinema Brasileiro.

Figurou em **Eufemia,** no papel de Theodorico; em **Rosas de Nossa Senhora,** no papel de Duque de Evora, papel que lhe foi confiado á ultima hora e na mais feroz das pressas; e, por ultimo, em **O Mysterio do Dominó Preto,** no papel de Commendador Fernando, o marido de Cléo Verberena, sua direcção e bom gosto.

Disse-nos que prefere o Cinema ao theatro, porque no theatro ha casos em que o velho torna-se moço, segundo exigencias da peça e o moço, velho. No Cinema, ao contrario, sempre dentro do typo e, portanto, representando o artista o proprio **eu.** Elle acha que, apesar de tudo, o artista de Cinema deve estudar seu papel, antes de o representar.

Falando dos films Brasileiros a que assistiu, disse que teve a melhor das impressões com **Barro Humano,** o que acha melhor, até aqui.

Do seu director, Marques Filho, disse que o acha intelligente, embora falho, em certos pontos. Esforçadissimo, entretanto.

Acha, Dumas, que o Cinema Brasileiro, presentemente, está num progredir phantastico. Diz que este movimento é o mais animador que já constatou, em toda sua vida. Falando da União de productores, entretanto, disse-nos, elle, que a acha impossivel, senão impraticavel. Tem trabalhado com varios e tem, melhor do que ninguem, comprehendido isso.

Dos typos do Cinema Brasileiro que mais aprecia, citou Celso Montenegro e Cléo Verberena, seus preferidos.

Os dramas, na arte, são o lado que mais aprecia. Diz que não sabe viver um papel comico. Aborrece-os.

* * *

Foram estas as palavras que trocámos com Emilio Dumas, o artista que varios films Brasileiros já apresentaram e que o publico que os admira, ha tanto applaude. Modesto, na sua menor palavra, no seu menor gesto e na sua mais simples attitude, Emilio Dumas é dessas figuras que animam aquelles que crêem na realização final e decisiva do nosso Cinema. Continuará trabalhando, com certeza, porque é imprescindivel mesmo. Quando já nos despediamos, disse-nos elle, apertando-nos a mão e abraçando-nos, em seguida:

— Ainda hei de conseguir o meu melhor papel com a **Cinedia,** verá! E' o meu segundo ideal. Já consegui o primeiro. Não conseguirei este?...

Agradecemos a gentileza da pontualidade e a attenção e paciencia com que nos attendeu e sahimos, da sua companhia, com saudade, já, da sua palestra agradavel e da sua gentileza captivante.

Isto aqui é a terça parte do que verdadeiramente é Emilio Dumas, o **ladrão** de todos os films em que toma parte.

Opiniões pessoaes de Charleson Gray, jornalista americano, sobre gente de Cinema.

* * *

— Pequena mais bonita: Loretta. Young.

— Rapaz mais sympathico: Phillips Holmes.

— Mulher mais vistosa: Jeannette Mac Donald.

— Mulher de mais pose: Alice Joyce.

— Homem de mais pose: Ivan Lebedeff.

— Melhor artista: Ruth Chatterton.

— Melhor caricata: Beryl Mercer.

— Melhor actor: Jean Hersholt.

— Mulher mais intellectualmente fascinante: Marie Dressler.

— Homem mais fascinante: William Powell.

— Melhor hospitaleiro: James Cruze.

— Mulher mais engraçada: Polly Moran.

— Homem mais engraçado: Willian Haines.

— Rapaz mais gozado: Jack Oakie.

— Homem mais detestado: Jim Tully.

— Mulher mais apreciada: Marion Davies.

— Melhor companheira: Lilyan Tashman.

— Melhor companheiro: Edmund Lowe.

— Homem mais intelligente: Erich Von Strohein.

— Mulher mais intelligente: Jetta Goudal.

— Pequena mais engraçadinha: Sally Starr.

— Rapaz que promette: Lew Ayres.

— Personalidade mais discudita: Greta Garbo.

— Homem mais despresado: Ian Keith.

— Mulher mais maliciosa Constance Bennett.

— Homem mais malicioso: Barry Norton.

— Homem mais divertido: Reginald Denny.

— Mulher mais agradavel: Virginia Valli.

— Homem mais infeliz: George Hackathorne.

— Mulher mais infeliz: Renée Adorée.

— Personalidade mais espectaculosa: John Barrymore.

— Mulher mais espectaculosa: Clara Bow.

— Menino mais intelligente: Phillips Lacey.

— Menina mais intelligente: Mitzi Green.

— Artista mais convencida: Catherine Dale Owen

— Actor mais convencido: Rudy Valée.

— Artista mais artista Hedda Hopper.

— Actor mais artista: Warner Baxter.

— Creatura de menos sorte: Anna Q. Nilson.

— Melhor jogador de bridge: Louis Wolheim (N. da R. — o logar está vago...).

Lorétta Young é a mais bonita

Salada de Hollywood

— Peor jogador de bridge: Samuel Goldwyn.

— Melhor director, artisticamente falando: Herbert Brenon.

— Melhor director, "bilheteriamente" falando: Cecil B. De Mille.

— Melhor director, de qualquer geito: Lewis Milestone.

— Melhor director de decorações: Cedric Gibbons.

— Melhor gerente de producção: Irving Thalberg

— Melhor scenarista, artisticamente falando: Hans Krally.

— Melhor scenarista, "bilheteriamente" falando: Jeannie Macpherson.

— Melhor scenarista, de qualquer geito: George Abbott.

— Homem mais apreciado: Charles Farrell.

— Pequena mais apreciada: Marcelline Day.

— Homem mais calado: Ronald Colman.

— Mulher mais calada: Greta Garbo.

— Melhor actor-escriptor: Elliot Nugent

— Homem mais retrahido: Ramon Novarro.

— Homem mais impetuoso: John Gilbert.

— Homem menos feliz: Lawrence Gray.

— Boa **bola:** Wilson Mizner.

— Homem differente de todas as personalidades da téla: Richard Bartelmess.

— Mulher differente de todas as personalides da téla: Mary Pickford.

— Homem formidavel: Douglas Fairbanks

— Mulher estupenda: Ina Claire.

— Melhor mestre de cerimonias: Frank Fay.

— Melhor physico: George O'Brien.

— Melhor physico, feminino: Dorothy Mackaill.

— Melhor athleta: Hugh Trevor.

— Sportman mais completo: Buster Keaton.

— Artista mais cheio de vida: Al Jolson. (apesar de ter morrido na opinião publica...)

— Artista mais sincero: Richard Arlen.

Outra **boá bola:** Lloyd Hamilton.

— Cavalheiro sem sorte: Gareth Hughes

— Cavalheiro mais santo e immaculado: Conrad Nagel.

— Melhor smocking: Charles Rogers.

— Melhor vestido de **soirée:** Sally Eilers.

— Melhor voz: Lawrence Tibbett.

— Melhor voz (falando): Lionel Barrymore. (Felizmente andou dirigindo, ultimamente).

— Unico genio de Hollywood: Carlito.

— Rex: o rei dos cavallos selvagens...

* * *

N. da R. — As chamadas sob parenthezis são nossas. E nosso, igualmente, este film:

— Charleson Gray: o homem que acha Barry Norton a creatura de mais sophisma, no Cinema.

* * *

Trader Horn, recentemente exhibido, teve uma critica toda favoravel e o trabalho de Harry Carey foi elogiadissimo. Harry Carey, sempre velho e sempre bom! Artista sincero, como poucos, é dos raros que o Cinema pode verdadeiramente apresentar com legitimo orgulho.

* * *

Antes de se passar para a Warner, Ruth Chatterton figurará em mais 3 films para a Paramount.

MARQUEZ DE SAINT ROMAN — (São Paulo) — Gostei dos seus commentarios. São realmente b o n s. Mas aquillo não era *garden party*. Continue escrevendo que só dá prazer.

MAURY MOURA — (Nitheroy — E. do Rio) — De facto, havia notado a sua ausencia. Aqui as respostas que pede: — 1° — Pergunte, e não tenha acanhamentos e nem preoccupações. De CINEARTE, não, mas na redacção, se se encontrar com o director, sim. 2° — E' difficil assistir a qualquer filmagem, porque, presentemente, os trabalhos são feitos sómente com assistencia do *unit*, por medida e pedido dos directores. 3° — *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, S. Christovão. 4° — Póde mandar. De 13x18 para cima, á vontade. Volte quando quizer.

H. MOURA — (P. do Sul — E. do Rio) — Recebi o album, sim. Muito obrigado. Continue escrevendo.

Clara Bow casou-se com Norman Foster... numa scena do seu film "No Limit". Sim, é o Reverendo Dodd.

confiante. A perseverança é tudo e você a tem, com certeza. Interessante o que me diz sobre a cartinha que recebeu. Interessante, porque revela algo que não sabia. Veja se me conta tudo direitinho. E p o d e desde já crer que é em parte exaggero. Isso mesmo: juizo e coragem! Pois venha e terá muita cousa a ver. 15 dias dão para muito. Elle está voltando, agora, e *A Man's Mate*, seu ultimo film, foi um successo. *C h é r i Bibi* é o fim que está actualmente fazendo. John Gilbert é um artista que não morre, assim facilmente. Nils Asther parece que não apparecerá mais. Estou quasi concordando com você a respeito das Dorothys. Vi umas ultimas *poses* de Dorothy Janis e fiquei crendo no seu bom gosto... Cuidado com os priminhos... Volte s e m p r e, Ranulia. Tem razão quanto a *Fox Follies* de 1930.

Pergunte-me outra...

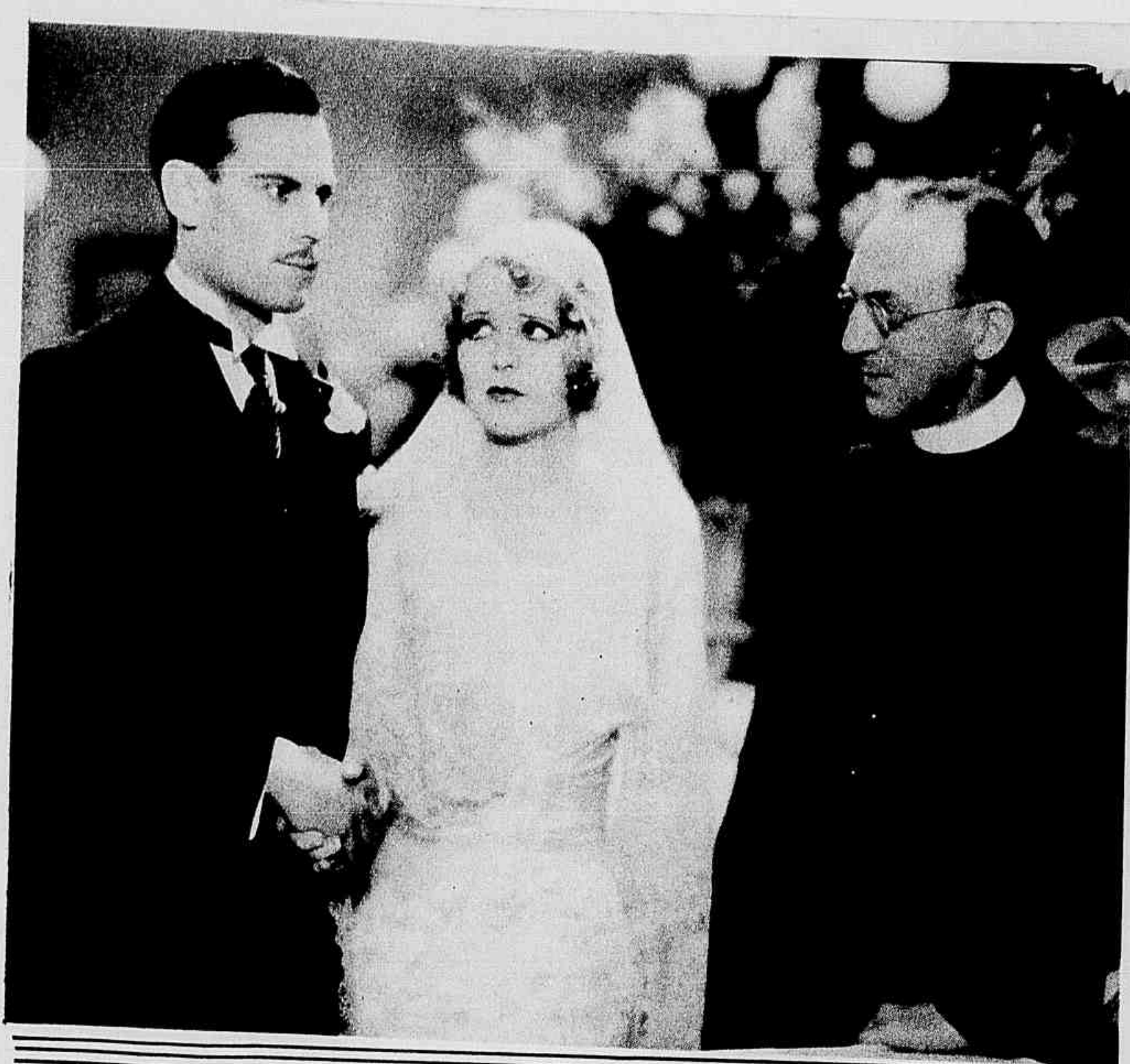
JOÃO EUZEBIO DE SOUZA FILHO — (Campos do Jordão) — Não lhe posso dar o endereço do "actor Cinematographico" Art Acord, pela simples razão de ter elle se suicidado. O cemiterio não sei onde fica.

ARISTIDES — (Rio) — Como vae, Aristides? Eu vou bem e já andava com saudades das suas cartas. E' difficil o que você me pede, Aristides, mas fica lembrado e na primeira occasião, o que se puder fazer, faz-se. Ella mandará, sim.

NONITO — (Cadaval — Portugal) — Recebi sua carta e dei-a ao encarregado da secção de amadores para lhe responder. Aguarde.

MOZART COELHO — (Recife) — 1° — Mas que machinas? Para que films? Amadores ou profissionaes? 2° — Descrever um laboratorio aqui? Era preciso uma edição especial, meu amigo! CINEARTE já tem publicado photographias. Os tambores são de madeira, sim. 3° — Não existem. Só os conheço em inglez. Esse caso de distribuição está sendo cuidado. Aliás os seus pontos de vista são felizes.

RUDY — (Jundiahy, E. de S. Paulo) — E eu tambem, Rudy, tinha notado que ha tempos você não escrevia. Continue com o seu ideal e mantenha firme a sua força de vontade. E' uma grande cousa. Aqui as suas perguntas. 1° — *Ronald Colman*, United Artists Studios, 1041 N. Formosa Avenue, Hollywood, California. 2° — Olympio Guilherme, 5516, Fountain Avenue, Hollywood, California. 3° — De Rodolpho não sabemos. 4° — Por que quer saber se elle ainda está solteiro? Francamente, eu não sei. 5° — Não sei nada sobre a distribuição desse film. *Mulher* é da *Cinédia*, sim e será exhibido em Maio proximo, provavelmente. Até logo, Rudy. Quando você tornar a perguntar endereços de artistas, não peça dois numa só pergunta. Um em cada pergunta, sim?

DURVAL DE SOUZA BRANCO — (Rio) — Agradeço as palavras das suas cartas de 10 e 13 de Março. Mas, amigo, a secção de respostas é minha, Operador, e é de praxe só attender a cinco perguntas cada vez. Assim, de accordo com a sua primeira "lista", aqui vão os endereços. 1° — *Hoot Gibson*, Tiffany Studios, Hollywood, California; 2° — *Ken Maynard*, Tiffany Studios, Hollywood, California; 3° — *Ronald Colman*, United Artists Studios, 1041 N. Formosa Avenue, Hollywood, California; 4° — *Maurice Chevalier*, Paramount Publix Studios, H o l l y w o o d, California; 5° — *Lia Torá*, N. Edinburgh, Hollywood, California. "Pergunte-me outra", amigo Durval.

NIELSON MORAN — (Rio) — Deve esperar que resolvam qualquer cousa e ter paciencia, apenas. Se já mandou para lá, não precisa mandar para mim, não. Só mesmo você procurando o gerente e pedindo uma ordem.

DANILO BASTOS — (Rio) — Não ha de que e para a proxima pergunte só cinco e envie em uma só carta, amigo Danilo.

LUPE VELEZ — (Rio) — Ha quanto tempo! Pois pergunte á vontade: 1° — *Leila Hyams*, M G M Studios, Culver City, California; 2° — *Lillian Harwey*, Ufa Studios, Berlim, Allemanha; 3° — *Dita Parlo*, Warner Bros. Studios, 5842, Sunset Boulevard, Hollywood, California; 4° — *Alice White*, presentemente sem contracto e em passeio pela Europa; 5° — Mary Astor, Radio Pictures Studios, 780, Gower Street, Hollywood, California.

JANNINGS — (Santos, E. de S. Paulo) — O director foi Roland West. Acho que são muito sensatas. Sobre *Cabana*, idem. Volte quando quizer, Jannings.

GILBERT SHEARER — (Porto Alegre, E. do R. G. do Sul) — Já foi exhibido aqui, sim e ha bastante tempo. Foi uma critica que teve 10 pontos de cotação. Dia 8 de Novembro. Vae indo muito animado, como sempre e com maiores esperanças. Volte sempre, Gilbert.

RANULIA — (S. Salvador, E. da Bahia) — Menina levadinha da breca, como vae você? Você jámais ficará no canto, Ranulia. Muito bem e você? Phantasiei-me, sim. Minhas barbas fizeram um bruto successo! E por que essa mudança toda? Continue animada e sempre

MAURICE CHEVALIER — (Jaboticabal, E. de S. Paulo) — 1° — Recebi. 2° — Bôa. 3° — Bom. 4° — E' preciso esperar a sua opportunidade. Aspirar é sempre licito. 5° — Está com a Paramount, novamente. Não ha substituto para Lon Chaney. Mas se é cara feia, que pergunta, o Bull Montana poderá servir...

MOLLY — (Maceió, Alagoas) — 1° — *José Mojica*, Fox Studios, 1401 N. Western Avenue. Hollywood, California; 2° — *Nils Asther*, ausente do Cinema; 3° — *Antonio Moreno*, sem fabrica certa; 4° — *Bary Norton*, Paramount Publix Studios, Hollywood, California. Aliás Barry Norton deve estar a caminho da America do Sul, em companhia de Balthazar Cué, para fazer apparições pessoaes nos palcos do Brasil, Argentina, Chile e outros paizes sul-americanos. Desembarcará breve aqui no Rio. Mas pode escrever-lhe para esse endereço que lá existem muitas photographias delle com autographo, já dentro do enveloppe apenas esperando o pedido. Elle continúa com a Paramount. 5° — *Lia Torá*, N. Edinburgh, Hollywood, California.

NETO DO OPERADOR — (São Salvador) — 1° — Palacete Santa Helena, Praça da Sé, São Paulo; 2° — *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio; 3° — Ignorado; 4° — Idem; 5° — Actualmente sem Studio certo. Mas se quizer que lhe chegue ás mãos, envie correspondencia aos cuidados desta redacção. Agradeço os recortes que me enviou. Quando quizer mandar outros, não faça cerimonia. E' delle que falava o artigo, sim. Não pensa você da mesma fórma?

MARIO BAEPENDY — (Bello Horizonte) — Li seus commentarios e apreciei-os. E' um *extra* cujo nome agora não me occorre. A razão eu não sei. Pois mande as photos para rua da Quitanda, 7.

DURVAL DE SOUZA BRANCO — (Rio) — Já foi respondida. amigo Durval. Calma! Ha muitos vapores para lá.

DON JUAN — (Araraquara) — Qualquer photographia serve. O endereço está certo, sim. A photographia seguirá breve.

OPERADOR

ESTA E' JOAN BLONDELL

FAZ PARTE DE HOLLYWOOD... E' UM PEDACINHO DE HOLLYWOOD...

De tudo quanto temos lido, a respeito de Cinema, sempre existem certos motivos que são infinitamente repetidos. Já estão "paulificantes", não acham?... Vejamos alguns delles...

— A insomnia de Clara Bow.

— A cultura de Jetta Goudal, o seu exotismo e o mysterio da sua origem.

— A habilidade de Douglas Fairbanks Jr. como poeta e caricaturista.

— O verdadeiro nome de Joan Crawford.

— Os milhões de Howard Hughes.

— A hospitalidade prodigiosa dos James Gleason.

— O perfeito amor conjugal de Richard Arlen e Jobyna Ralston.

— O jardim florido de Ernest Torrence.

— Os aeroplanos de Wallace Beery.

— Os thesouros de arte de H. B. Warner.

— Collecções de arte de quaesquer artistas.

— O cabello cortado de Mary Pickford e a saudade das tranças e cachos.

— O collete de malha de Greta Garbo e a sua mania de caminhar sósinha, na chuva.

— A disposição calma de Laura La Plante.

— A cultura e a origem aristocratica das irmãs Bennett: Constance, Joan e Barbara.

— O lar de Marion Davies e as suas hordas de convidados.

— O ambiente social que circumda June Collyer.

— As biographias, historias e philosophias que os artistas dizem que apreciam, quando dão entrevistas espalhafatosas.

— A falta de photographias dos filhos de Gloria Swanson.

— O companheirismo que preside o lar de Irene Rich e filhas.

— A intelligencia de Lois Moran.

— O sentimentalismo do coração de Louise Fazenda, apesar dos seus papeis ridiculos.

— A harmonia domestica moderna e futurista do casal Edmund Lowe — Lilyan Tashman.

— O sophisma de Lilyan Tashman e a sua autorisada palavra sobre modas.

— Os jornaes editados pelo pae de Charles Rogers em Olathe, Kansas.

— A vida collegial do mesmo, em casa e suas idéas sobre as mulheres.

— A estação de opera de Hollywood.

— O sitio de Gary Cooper.

— Quadros flamengos e mappas do seculo quatorze que illustram as paredes *intelligentes* dos lares de certos artistas-*estrellas*.

— *Estrellas* guiadas por paes, irmãos, amigos, tudo em santa obediencia e com santa resignação.

— Os visitantes reaes, isto é, de sangue

— Bebe Daniels e sua avó.

azul, do lar de Douglas e Mary.

— As valentias foot-bolisticas de John Mack Brown.

— A preferencia de quasi todos os artistas pelo *lar* e um bom livro, em vez de passeios...

— Qualquer cousa sobre Carmelita Geraghty.

— Os desastres soffridos por Dorothy Sebastian.

— O silencio dos films de Carlito.

— As opiniões de Ann Harding sobre a California.

— A inexperiencia de Ramon Novarro com as pequenas e o seu constante desejo de entrar para um convento, deixando a carreira...

— A união da familia de Anita Page.

— O modo com que Ronald Colman conduz seu lar de solteirão impenitente.

— A parecença de Helen Twelvetrees com Lillian Gish.

— O cavalheirismo de Richard Barthelmess e a sua superioridade mental.

— A descendencia nobre de Nils Asther

JÁ ES-TÁ "PÁO"...

Buster Keaton, com esta mania de não rir mesmo fóra da tela, já está cacete...

— As narinas de Barry Norton.

— A belleza de Billie Dove.

— O constante sorriso de Maurice Chevalier.

— A nobreza de linhagem de qualquer artista nascido no sul dos Estados Unidos.

— A pose de Alice Joyce.

— A pequena que tem *it*.

— Conferencia de productores sobre argumentos.

— Productores que contractam pequenas, muito tempo, e depois, quando arranjam uma historia adequada, fazem publicidade, dizendo que a encontraram "num canto de Studio".

— Os "casos" de Beverly Hills.

— A voz perfeita de Conrad Nagel.

— John Gilbert e Ina Claire.

— A esposa de Robert Armstrong.

— A nostalgia que o publico causa a Clive Brook que elle affirma "amolal-o" muito...

— O coração mais do que maternal de ZaSu Pitts.

— A enorme familia de Eddie Quillan.

— A ligeireza das mãos de Neil Hamilton.

— As festas de Aileen Pringle e o seu jogo de dominó.

— A eminencia social de Dolores Del Rio, no Mexico.

— A mania de Ivan Lebedeff beijar mãos.

— A voz de John Boles.

— A filha de John Barrymore e Dolores Costello.

— Os distinctos parentes que Victor Mac Laglen tem na Igreja e na Armada da Inglaterra.

— O nascimento de William Haines na aristocratica Virginia e a sua grande amisade por Polly Moran.

— A generosidade de todas as *estrellas* ou *astros* quando falam das caridades que fazem ás suas respectivas mães.

— A origem britannica de Dorothy Mackaill.

— A perfeição muscular de George O' Brien.

— A riqueza de Ruth Roland e a sua origem nos felizes negocios que realizou.

— A descoberta de miolos sensiveis ao par da suavidade de Mary Brian...

— Os parentes de Norma Shearer que ainda residem em Montreal, Canadá.

— Betty Bronson como *Peter Pan* e as causas do seu declinio artistico.

— Educação de *estrellas* em conventos ou com educadores particulares...

— Alice White criando juizo.

— O passado de Joan Crawford como pequena de *passado* "farrista", em Hollywood, antes do casamento.

— Piadas de artistas para artistas.

— A volta de Bessie Love.

— O successo de Pauline Frederick em *Ré mysteriosa*, ha annos.

— Os cabellos vermelhos de Margaret Livingston.

— Idem, para Nancy Carroll. O seu irlandezismo e o seu casamento com um jornalista *bem pago* de New York.

— A personalidade exotica de Myrna Loy.

— As photographias de publicidade de Raquel Torres.

— Os elevadores que servem o lar de Harold Lloyd.

— Sue Carol, aliás Evelyn Lederer, da sociedade de Chicago...

— Os livros que as *estrellas* pensam escrever quando deixarem a arte...

— Seus carros para *serviço* e seus carros para *passeios*...

— O convencimento ridiculo de Olive Borden e a sua actual completa metamorphose.

— Kay Francis, a mulher mais bem vestida de todos os tempos.

— Buster Keaton, o comico que não ri.

— O sacrificio da carreira de Phyllis Haver em pról de um casamento rico.

— A susceptibilidade de Richard Dix em relação ao sexo opposto.

— Premios da Academia de Artes e Sciencias do Cinema.

— Pola Negri prejudicada na sua popularidade por causa de maus argumentos e maus films.

— A malicia continental de Adolphe Menjou.

— O valor de ter representado ao lado de Edward Everest Horton no palco.

— Patsy Ruth Miller, literata por intuição.

— Visitas innocentes de *estrellas* e *astros* a Agua Caliente.

— A mudança dos nomes de Mary Nolan.

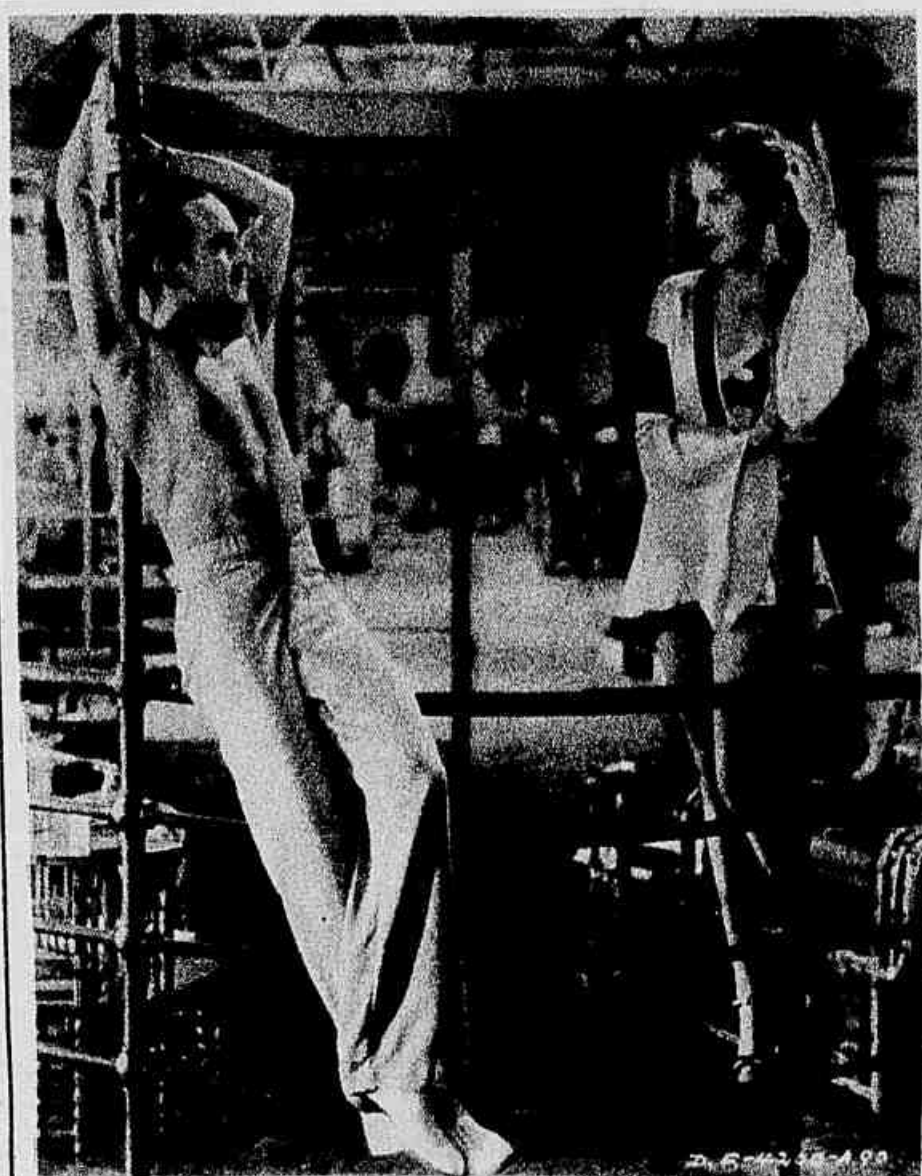
— A carreira interrompida de Mary Miles Minter.

— Papeis fracos de Estelle Taylor, no Cinema.

— A articulação guttural que impossibilitou Vilma Banky de continuar sua carreira Cinematographica.

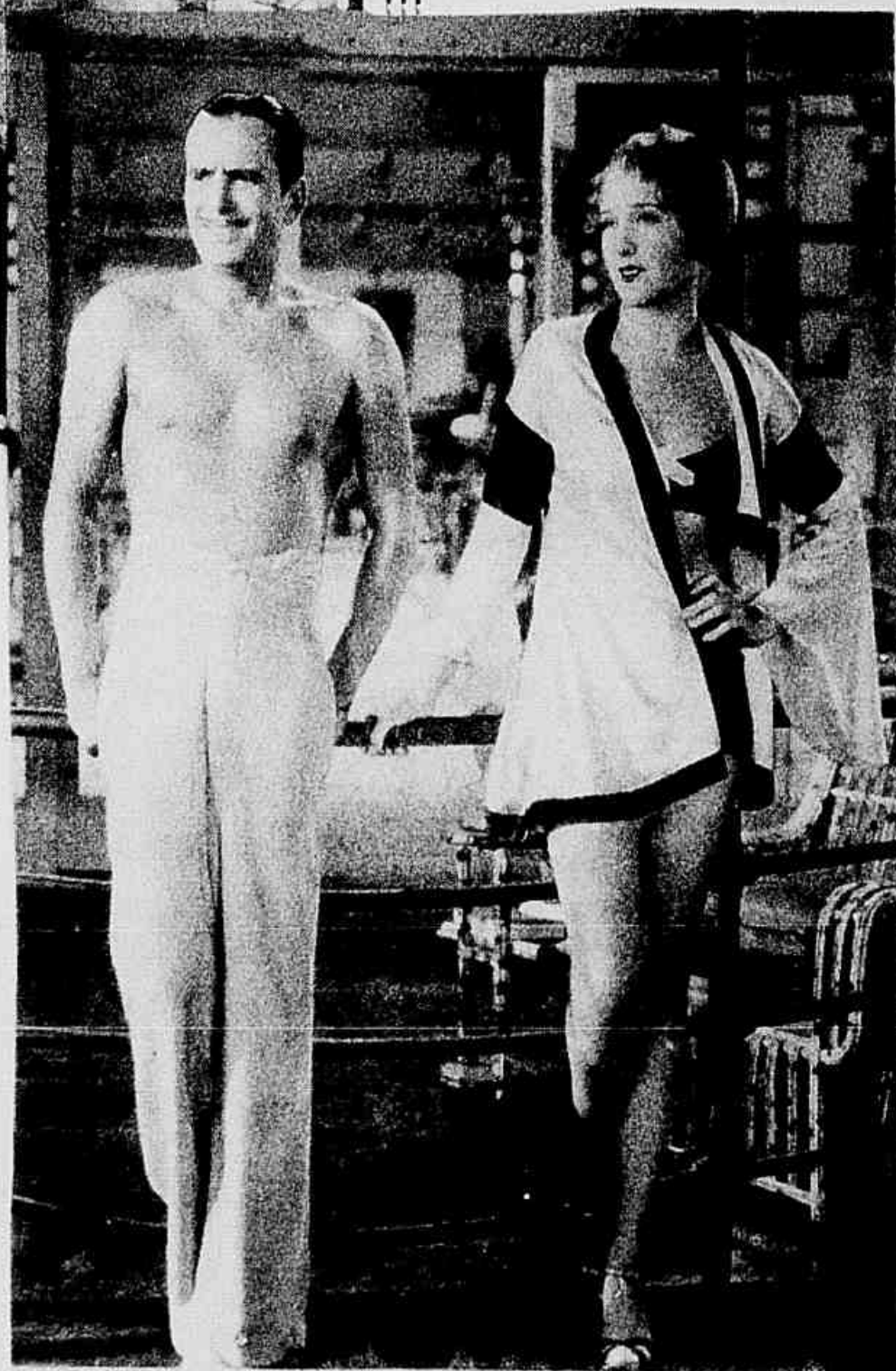
— A dedicação de Will Rogers á familia.

— Os banheiros de Cecil B. De Mille.

DOUGLAS
E
BEBE,
NUM
FILM
SO'...

TUDO
PROMPTO.
O
TRIBUNAL
REUNIDO...

ORA
ESSA,
DOUGLAS!

SCENAS DO
FILM
"REACHING
FOR THE
MOON".

Uma carta para Janet

Adele Whitely Fletcher, notavel escriptora americana e jornalista Cinematographica das mais interessantes, escreve, a Janet, a seguinte carta Aberta:

Janet querida.

Diziam, todos, que amavas Charles Farrell e elle te queria. Disseste, varias vezes, que isto era mentira e que jamais um romance houvera entre ambos. Mas teria Diane esquecido a fascinação apaixonada de Chico? Molly Carr se esqueceria tão facilmente da paixão purissima de Jack Cromwell? Angela, tão sentimental, não se lembrará mais do amor cruciante e sincero de Gino? Em outras palavras: não será verdade, Janet, que você sinta uma especie de direito de posse, sobre Charles Farrell e elle sobre você, posto que ambos se pertençam, nos seus sentimentos de mulher e homem, a outras creaturas?

E' logico que uma creatura não saiba nada sobre isso. Mas eu sei e tenho a impressão exacta de que seu casamento nada mais foi do que um mau passo de mocidade para servir de acto de represalia e ciumes. Apesar do casamento, entretanto, você e Charles Farrell ainda se conservam apaixonados, um pelo outro. E' a verdade.

Você tem apenas 23 annos. Não acha você que esse desentendimento trouxe muito cedo a infelicidade para lhe servir de companhia?

Consideremos, antes de mais nada, os tres vultos humanos que ao redor de você bailam o bailado da magua, do amor e do ciume.

Charles Farrell. o primeiro. Cavalheiro e distincto, não regeitou o annuncio de noivado que lhe deram. Não sei, tambem se elle a amava ou não. Sei apenas que, presentemente, o seu caso é differente.

Virginia Valli, uma outra interprete que chamo para esta representação. Você ha de saber, menina, o quão sério, hoje, anda esse caso: casaram-se. Quando Virginia achava-se em New York e Charlie em Hollywood, falavam diariamente ao telephone. E' logico que, hoje, Virginia não se sentira feliz vendo seu nome sempre ligado ao de Charles Farrell...

Lydell Peck, seu marido. A posição delle é falsa. Não é facil um homem commum ser marido de uma *estrella* de Cinema e de renome, ainda por cima. A menos que elle se torne presidente da republica ou nadador emerito que atravesse o atlantico á nado, nada o poderá fazer mais celebre do que sua esposa. E' passivo de ser tido como objecto e não como pessoa, portanto. Além disso, quando um homem commum casa-se com uma *estrella*, perde tudo de si e passa a ser um ser inerte, inutil, mesmo. E é o que se dá com seu marido. O erro delle ainda foi maior: metteu-se pela sua carreira e pretendeu empresar os seus actos. Fracassou redondamente, é logico. Creio, mesmo, — se é que eu fosse adepta da tola theoria da reincarnação — que num caso destes seria para a alma que entrasse pelo corpo de um marido de *estrella* a dentro, o maior de todos os castigos, a mais completa de todas as penitencias...

E' possivel que um casamento assim dure muito tempo e é até possivel que, depois das luzes se apagarem, em toda a cidade e a *estrella* abrir a bocca, com somno, tornem-se elles marido e mulher, na conversa, na revista que leiam, no cafézinho que ella vá fazer para elle, etc.. Mas é muito difficil. No seu caso, entretanto, eu aguardo um divorcio a cada instante...

A sua vida particular pertence á você, é logico e ninguem nada tem a ver com ella. Você, entretanto, entregou-a ao publico, deu-a aos falatorios e aos commentarios e, hoje, não tem o direito de se zangar com qualquer um que assim se metta por ella a dentro, dissecando actos particulares e commentando assumptos que só pertencem a você. Não prenda mais seu marido ao seu lado. Deixe que elle volte para o jornalismo que é a sua profissão, na parte de propaganda, e anime-o a lutar. Elle ainda se cansará de viver á sombra da sua fama e do seu apogeu de gloria. Se são sinceramente felizes, um ao lado do outro, entretanto, acabe com esses rumores de divorcio e veja que isto não aconteça mais, a bem da sua propria felicidade.

Não estou censurando você pelo estado a que chegou o seu casamento, não. Escrevo-lhe para pedir-lhe que faça o impossivel para terminar com esses mesmos ruidos e commentarios. Immediatamente!

O anno que se foi, ha pouco, foi cheio de accidentes para você.

A vida, durante o mesmo, nem sempre sorriu-lhe. A sua viagem para Honolulu foi um mau passo. O seu *unit*, no Studio, com a sua viagem, ficou um verdadeiro cháos. Você, com seu capricho tolo, perdeu opportunidades de valor e fez com que se perdessem alguns milhares de dollares. Além disso tudo, e de menos, houve o principal: seu marido foi apontado como o mais ridiculo dos homens e você o collocou numa posição tremendamente falsa e ridicula, diante do publico e dos commentarios ironicos e maliciosos dos jornaes.

Ninguem censura você por não querer repetir a façanha realmente cretina de figurar em mais um film asnatico como foi *Tristezas da Aristocracia* (High Society Blues). Muito bem! Qualquer outra faria o mesmo, tanto mais que você via, claro, que só neste genero de borracheiras é que você acabaria figurando se não reagisse.

Mas a sua maneira de se rebellar é que não foi a certa! Uma *estrella* como você é, e da sua grandeza, tem responsabilidades marcadas e sérias. Se se désse isso com Winfield Sheehan, gerente geral dos negocios da Fox? Se elle *brigasse*, ficasse de mal e embarcasse para Honolulu, deixando você e todos os seus outros companheiros em situação a mais falsa possivel? Você não se queixaria delle? Você não acharia que elle foi maluco?

Você foi egoista, quando deu aquelle passo e procedeu sem reflectir. Se você tivesse procurado seus chefes e com elles tivesse conversado, tudo se teria arranjado, amigavelmente, e não teria sido necessaria uma retirada daquellas, ttão sem estrategia, tão irregular.

O erro, em materia de carreira Cinematographica, é que as artistas tornam-se *estrellas* antes do periodo de juizo que deviam ter para arcar com taes responsabilidades. Meninas que entram pelos vinte annos, como você, encontram-se, subitamente, diante de problemas sérios e difficeis de resolução. Era necessario o auxilio de um experiente e profundo conhecedor de taes negocios para orientar. Antes de ter nova briga, cousa que acho possivel porque conheço sufficientemente a sensibilidade dos seus nervos, procure outros methodos, lembrando-se, antes de mais nada, que tão grande interesse tem você em figurar nos melhores films, quanto tem a Fox, tambem, para que elles dêem o maior lucro possivel. Elles já consumiram uma fortuna fazendo publicidade sua. Dão e sempre deram você como a maior conquista artistica da companhia. O que preoccupar sua carreira, tambem preoccupará á elles. O interesse é mutuo e reciproco.

Você, Janet, não é um meteóro. Você é uma *estrella* de fama, de estabilidade, de successo constante. Em muitos papeis você se tem provado grande artista e muitas vezes você tem sido admiravel, mesmo. Ha outras personalidades que brilham, passageiramente e somem, depois, para todo o sempre. Você, não: ha annos é *estrella* de primeira grandeza e por isso mesmo responsabilidades que os seus infantis 23 annos não devem mais prejudicar.

Queria, sinceramente, Janet, que você tivesse a percepção que teve Ann Christie quando se encontrou com a pobre e miseravelmente decahida Martha naquelle botequim: "Sei quem és: és o que eu serei daqui a vinte annos..." Disse ella. Que profunda psychologia nessa phrase! Pensa nisso, Janet. Eu já pensei o que serei, como áornalista, daqui a vinte annos...

Predigo, para uma *estrella*, este futuro: brilhante carreira; feliz casamento; filhos; um lar; amisade; attenção dos *fans*, sempre.

Para outra, este: abandono; inverno abandonado no fim da vida; divorciada; sem filhos; sem lar; infeliz e sem publico.

Escolha o seu. Mas escolha debaixo da psychologia de Ann Christie, com visão larga e com um olho no futuro.

(Termina no fim do numero).

MULHER Contra

(WOMAN TO WOMAN) — FILM DA TIFFANY

BETTY COMPSON . . . . *Lola*
George Barraud . . . . *David Compton*
Juliette Compton . . . . *Vesta Compton*
Margaret Chambers . . . . . *Florence*
Reginald Charland . . . . *Hal*
George Billings . . . . *Davey*
Winter Hall . . . . *Dr. Gavron*

Director: — VICTOR SAVILLE

O cançasso dos dias de batalha, o terror á carnificina medonha, dissolviam-nos em alcool os soldados e os officiaes daquelle regimento inglez. Em Paris, nos seus botequins abertos temerariamente, sem temor ao bombardeio aereo dos *zepellins* e nos restaurantes outróra selectos e naquellas epocas medonhamente cosmopolitas...

Ali achava-se o capitão David Compton, ouvindo, da garganta deliciosa de Lola, a *estrella* daquelle *cabaret*, uma canção dolente sobre a guerra e seus males. Ao terminar a canção, David convidou-a para a sua mesa.

— Ouvi sua canção. Gostei...

— Realmente?

— Sim. Ha um "mas"...

— E qual é elle?

— A especie.

— A especie?...

— Sim, o thema.

— Quer dizer: os versos?

— Exactamente... Não os devia cantar.

— E por que?

— São tristes. Revivem, neste ambiente aonde todos procuram esquecer a guerra, suffocar a guerra com beijos comprados ou sinceros. Afogar a guerra nos copos que sorvem, uns sobre os outros. Revivem os negros horrores que são, justamente, aquillo do que fugimos para aqui nos divertirmos...

— Acha?...

— Acho. E' quasi deshumanidade sua. Devia cantar cousas alegres, brejeiras, completamente longe do assumpto que já é o microbio malefico de todos os nossos cerebros...

— Chamou-me para isto?

— Chamei.

— Não acha que é ousadia da sua parte?

— E por que?

— Porque eu não lhe tenho que dar satisfação, apenas...

E retirou-se, magoada, ferida no seu amor proprio. David, com certeza, não sabia quem era Lola. Quaes os seus sentimentos. Fizéra aquillo, realmente impellido pela irritação que lhe causaram os versos que ainda e sempre falavam da guerra. Fôra espontaneo, embora cruel. A retirada de Lola, brusca, fim de uma resposta atravessada, deixara-o sorridente e pensativo. Ao cabo de alguns instantes erguia-se. Seguro, encaminhava-se para o appartamento della. Queria explicar-se, queria dar justificativa á sua interpellação de ha pouco.

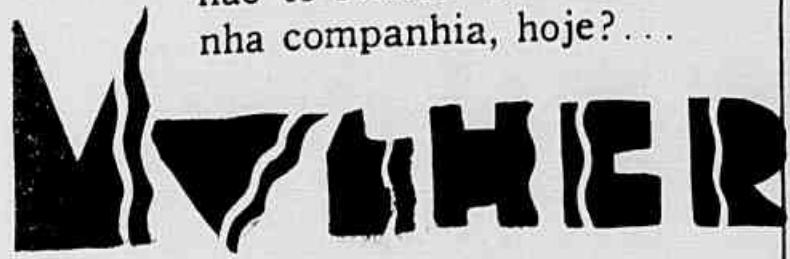
—o—

A "explicação" não teve mais fim. Todos os dias, dahi para diante, aproveitando sua licença, David ia "explicar" mais um pouco do seu procedimento daquelle dia a Lola. Ao cabo de alguns dias, muito proximos, um do outro, trocaram, sem furia, o primeiro beijo. O segundo foi mais amoroso. O terceiro apaixonado. Os restantes já promessas do intenso amor que era dono dos corações de ambos.

Uma tarde, sem que Lola siquer previsse, David disse-lhe, bruscamente:

— Vou sahir.

— E para que? Acaso não te sentes bem em minha companhia, hoje?...

MULHER

— Mais do que nunca, querida!

Beijaram-se.

— Mas é que eu...

Calou. Apanhou o *bonnet*, beijou-a, novamente e, com um ar mysterioso sahiu promettendo voltar em segundos. Ella, amorosa, sempre, não o quiz deixar ir. Abraçou-o, fortemente, disse-lhe, bocca na bocca:

David, querido, daqui não sahes antes que me digas o que vaes fazer?...

Elle olhou-a. Eram demasiadamente amorosos, demasiadamente esplendidos. Pediam, humildes e ternos, aquillo que, afinal, não custava nada dizer.

— Vou comprar as nossas allianças e vou tirar a nossa licença de casamento...

— O que dizes?

— E' verdade. Quero-te para minha esposa, sinto-me orgulhoso com isto.

— David!

E ella não teve mais forças para dizer nada e nem para falar qualquer cousa. A emoção, fortissima, tolhia-lhe a voz. Apenas soube beijal-o, feliz e deixal-o sahir com um grande sorriso de paixão e meiguice pendurado nos labios...

———o———

Quando David dirigia-se para a residencia do chefe daquelle districto para lhe fazer a respectiva solicitação de licença, acercou-se delle um grupo de soldados do seu regimento.

— Capitão, partimos!

David surprehendeu-se.

— Sim, capitão, partimos. Procuramol-o. Não o encontramos e não lhe pudemos transmittir a ordem. O encontro comsigo, agora, foi providencial e feliz.

Feliz, diziam elles... David atordoou-se.

— Mas eu ainda carecia de uma hora de permanencia aqui...

— Sentimos, Capitão, mas muito antes disso sahirá nosso comboio para o *front*.

Era o derradeiro signal. Disciplinado, e, além disso, patente, não podia dar um exemplo de tão frizante mau comportamento militar. Alinhou-se ao grupo e partiu.

———o———

Não se sabe, inteiramente, o que se passou com Lola. Sabe-se, apenas, que se sentiu desgraçada, infeliz, pequenina. A maior surpresa que lhe fazia a consciencia, a tal "voz interior" da qual todos falam, era phrase como esta: "Deixou-te! Acreditaste no casamento, tolinha. Nem siquer teve a compaixão de arranjar uma outra desculpa mais razoavel..."

E assim continuaram passando seus dias...

———o———

No combate immediato que se travou, David tomou parte saliente. Um estilhaço de *shrapnell*, na cabeça, inutilizou-o, momentaneamente e, depois, quando no hospital, tirou-lhe radicalmente a memoria. Não se lembrou mais do seu passado. Passou a viver, apalermado, do presente para o futuro...

(Termina no fim do numero)

Sal grosso...

MARIE DRESSLER
ESTA' CELEBRE!

NO
EXERCICIO
DA
PUBLICIDADE,
COITADA...

REDUZIR,
EIS
A
QUESTÃO...

A ALEGRIA DAS FESTAS..

— Meu nome não é Fifi Dorsay!

— Eu não nasci na Paris das *farras* formidaveis!

— Jamais estive em França!

— Não sou e nem nunca fui amiga intima de Greta Garbo!

— Não amo a quem quer que seja!

Foram declarações surprehendentes que fez Fifi Dorsay, tão nossa conhecida, referindo-se ás calumnias de muitos jornaes e revistas, a seu respeito, quando nos contou muitas verdades a respeito de si e da sua vida.

— Dizem, pelos jornaes e revistas, muitas cousas de mim. Quasi sempre erradas! Dizem que sou franceza e vinda do "Follies" francez. Dizem que jogo "tennis" diariamente com Greta Garbo e que a sigo como cãozinho fiel. Dizem que ando apaixonada e a procura de um marido. Dizem, de mim, aquillo que entendem. Agora quero dizer as verdades, como ellas são...

Falou com um quasi ar de mysterio e com um sincero aborrecimento pelo quanto se forja a respeito da sua personalidade.

— Meu verdadeiro nome é Yvonne Lussrer. Nasci em Montreal, Canadá, onde tambem me eduquei. O primeiro collegio onte estive, foi o "Sagrado Coração", depois delle, no "Collegio Commercial Elie", onde aprendi a falar inglez e, tambem, tachigraphia.

— Aos dezeseis annos, trabalhava como stenographa para um advogado francez. Tanto tomava os seus dictados em francez, quanto em inglez. Mas jamais figurei em theatro ou Cinema que não fosse americano. No "Greenwich Follies" de New York foi aonde, annos atraz, estreiei-me em materia de theatro.

— A respeito da minha propalada grande amisade com Greta Garbo, rio-me, francamente, porque apenas a vi umas tres ou quatro vezes, na rua, e, depois disso, nada mais. Ainda que quizesse mentir, não teria coragem para affirmar que ella é minha melhor amiga, quando tenho certeza que nunca fomos siquer apresentadas. Não que não a estime e admire, não. Simplesmente pelo fato de dizer a verdade, porque, diga-se, acho-a admiravel e, a maior artista de todos os tempos.

Os paes de Fifi não existem mais. Ella é uma dos treze irmãos Lussrer. Existem, vivos, apenas tres delles e, contando ella, tem mais um irmão de dezesete annos trabalhando em New York e uma outra irmã, de vinte e dois annos, que vive em sua companhia.

Fifi, pessoalmente, é interessantissima e muito graciosa. Tem qualidades apreciaveis como artista e, acima de tudo, uma modestia admiravel.

Ella é extraordinariamente divertida e interessante. Vae a todos os logares, não guarda pose, não tem convencimento algum. Numa recente festa offerecida pela Fox aos exhibidores modestos, ella foi a unica convidada, artista, que compareceu. Divertiu a todos e diz que se divertiu muito, porque encontrou gente humilde, mas sincera. Dignos, todos, de serem divertidos por ella que tambem se sentiu feliz com a noite que passaram, alegremente, entre canções, o banquete e alguns numeros de variedades.

Ella é uma das mais assiduas visitas de Agua Caliente... A sua maior alegria é encontrar uma boa distracção e por ella dá annos de sua vida. Canta muito bem e sabe divertir qualquer ambiente, com suas artes, nem que seja este ambiente o mais severo e frio.

Quando figurou ao lado de Will Rogers em *They Had to See Paris* (Elles tinham que ver Paris), sentiu-se immensamente feliz e contente.

— Elle é verdadeiramente acanhado! Disse ella e riu á vontade.

— E como foi que você o seduziu, Fifi?

— Foi difficil, confesso. Elle mostrava-se extremamente acanhado. Em uma scena eu tinha que lhe atirar os braços ao pescoço e lá figurar segurando. Elle movimentou-se, rapidamente e tudo fez para se afastar de mim o mais depressa possivel. Elle quasi desmaiou, creia, quando fez a sua scena de beijo, commigo...

E tornou a rir-se, divertindo-se immensamente com isso.

— Vamos, disse-lhe eu, abrace-me e dê-me um beijo bem gostoso, ouviu? Acredita que elle mais ainda se encabulou?...

Nós, que sabiamos o quanto Will é acanhado, realmente, mesmo quando representando, rimo-nos com aquillo e ainda mais quando ella nos descreveu o beijo paternal que elle lhe deu, solemne e parcimonioso...

Quando Fifi nasceu, sua tia Blanche de la Sablonniere, uma das mais formidaveis artistas do Canadá, até hoje viva, disse:

— Esta pequena ainda será artista famosa!

E realizou-se a prophecia. E, notem, todos protestaram: pae, mãe, irmãos... A titia acertou, entretanto.

Aos dezesete annos dirigiu-se ella para os Estados Unidos, decidida a vencer, na vida. Tudo lhe parecia extranho e lutou com raras difficuldades, posto que, todas, resolvidas sabiamente pelo seu genio admiravel.

Passou, depois da experiencia do escriptorio do advogado francez, a servir como modelo de casas de modas. E, depois disso, passou-se para o theatro. Com Gallagher e Shea, num dos palcos new-yorkinos, fez a sua estréa.

Na revista seguinte permittiram-lhe cantar um pequeno numero em francez e, com o successo desse ensaio foram deixando que se exhibisse, á vontade, até que acabasse, como acabou, realmente, tomando conta de todo o espectaculo.

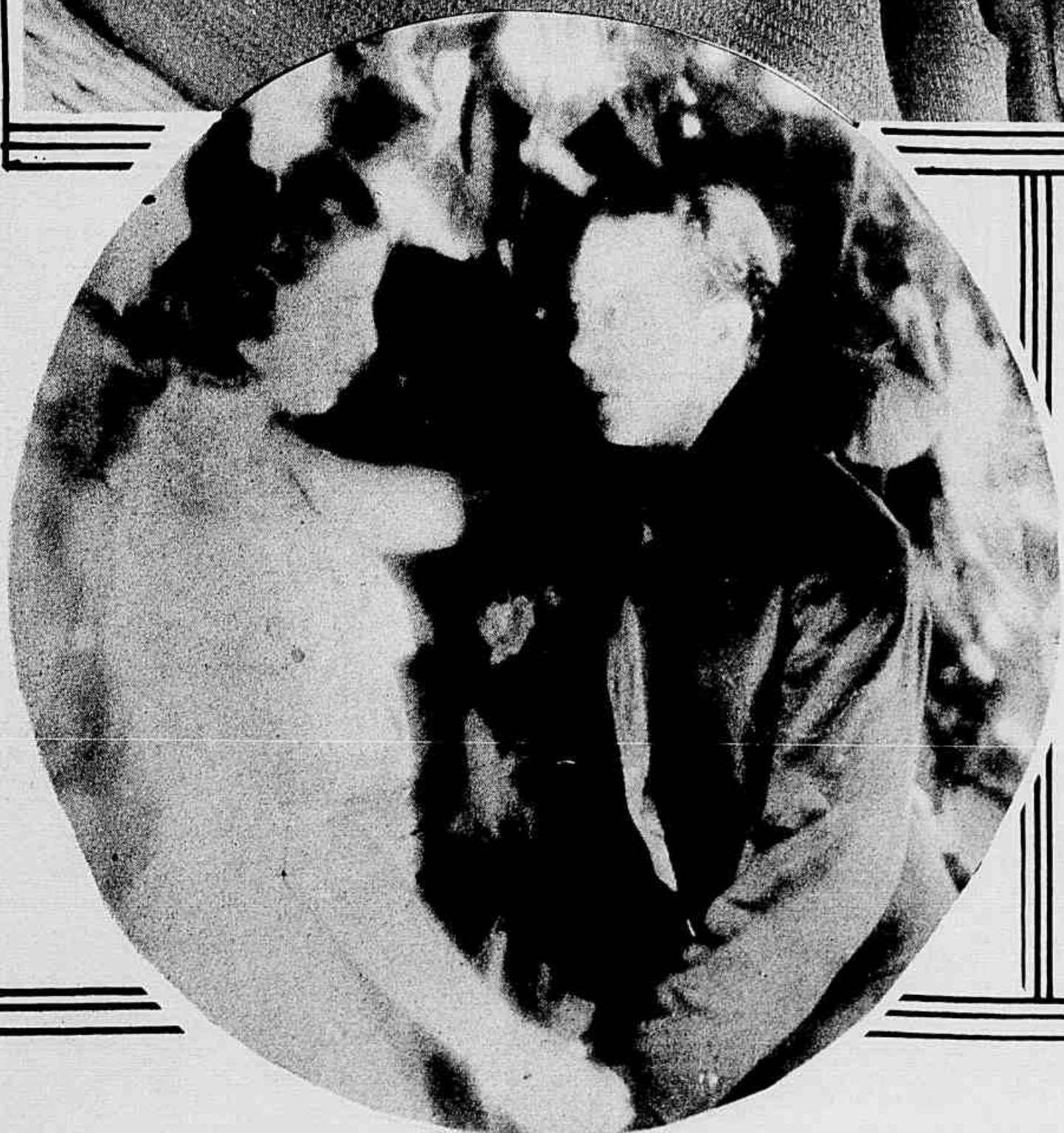
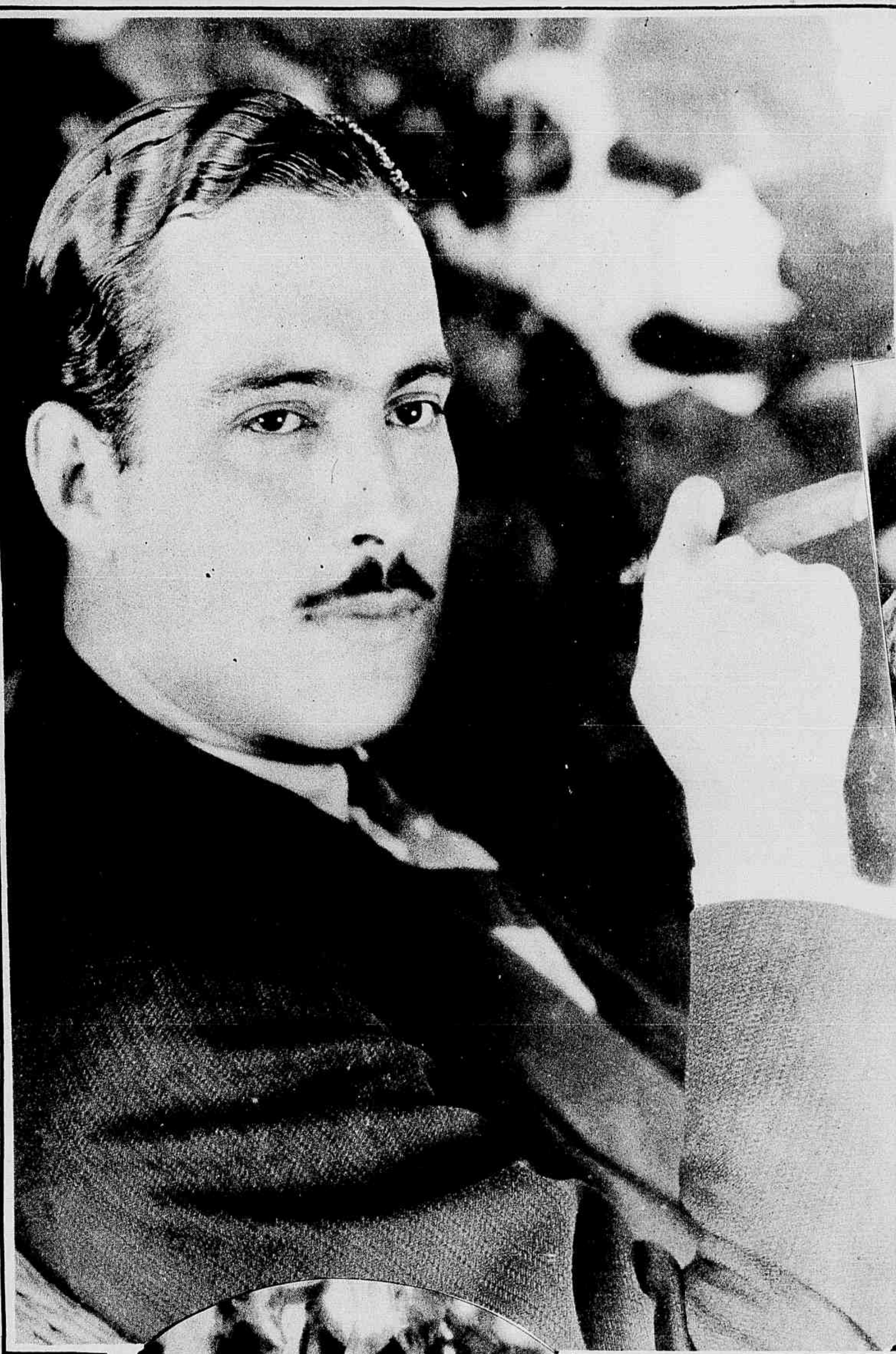
Soffreu ella, na vida, muitas contrariedades e muitos aborrecimentos. Mas sempre foi a "vida da festa" e, com o seu ar sempre jovial e o seu constante sorriso, conseguiu vencer, afinal.

Quando estava para se casar, teve uma divergencia com o noivo e deixou-o por um *test* que lhe offereciam para figurar em *They Had to See Paris*. Tres semanas depois, já em Hollywood, assignava contracto para diversos films. A sensação que ella causou, nos films em que tem apparecido, todos conhecem. Tem sido feliz, na sua carreira e já tem conquistado muitos "fans" e sinceros amigos.

Falando de amor e do seu noivado desfeito, disse-nos ella:

— Não. Eu nunca amei. Pode ser que termine assim, pode ser, mas ponho minhas duvidas... Aquillo foi um "achado" e não um "accidente" como muitos querem... Não amo a ninguem, repito e, acho, mesmo, que tão cedo não me casarei, tanto mais que é assumpto que não me interessa, positivamente. Para que um marido? Pergunto sempre a mim propria... Para arranjar aborrecimentos? E se elle fôr um vagabundo, imprestavel, eterno dorminhôco que passasse a levar a vida nas minhas costas? Seria isto bom?

Depois desse film, a sua experiencia, ao lado de Will Rogers, tem ella apparecido em "Louco por Paris" (Hot for Paris), "Provando a sua Correcção" (On the Level) e "Women Everywhere". A M G M pediu-a emprestada á Fox para figurar em "Those Three French Girls". Actualmente figura em "Charlie Chan Carries On", para a Fox, novamente. O lar de Fifi fica no alto de um morro, bem ao alto do Sunset Boulevard. Chama-se Villa Madrid e é todo em estylo hespanhol. E', na verdade, uma casa de appartamentos, mas muito se parece com uma vivenda hespanhola. A sua criada é antiga e mais sua amiga do que seria uma parente qualquer.

(*Termina no fim do numero*)

Mulher...

UM FILM BRASILEIRO COM:
CARMEN VIOLETA,
CELSO MONTENEGRO,
MILTON MARINHO,
MAXIMO SERRANO
E OUTROS.
E' UMA
PRODUCÇÃO
"CINÉDIA"

O homem que tem "IT"

Este homem é Ronald Colman... Greta Garbo masculino...

Depois de ter classificado Greta Garbo como uma sinão a unica das mulheres mais fascinantes do Cinema, Elinor Glyn, a conhecida escriptora americana de argumentos tão ardentes e apaixonados, resolveu fallar do typo de homem que ella acha o mais fascinante o mais admiravel. Aqui suas opiniões.

* * *

— Abordando o assumpto do homem mais fascinante e preferido do Cinema, não posso deixar de classificar, em primeiro, Ronald Colman. A razão é a mesma pela qual escolhi Greta Garbo. Elle sugere uma extraordinaria força de caracter e um profundo equilibrio moral. Na sua vida particular, então, possúe uma rara dignidade e reserva.

— Exactamente como succedeu com Greta Garbo, eu apenas o vi uma vez fóra da téla e, confesso, sua pose admiravel fez-se olhar profundamente aquelle homem esplendido que eu contemplava. A unica cousa que não gostei, no seu conjunto todo, foi do bigode. O corte do mesmo estraga — como estragou, sempre — a fórma perfeita da sua bocca. Ultimamente, isto é, nestes ultimos annos, os seus ultimos films, de **Amante de Emoções** (Buldog Drummond) a **Rafflés**, têm apresentado um Ronald Colman mais bello de apparencia, de seducção, de pórte. **The Devil Will Pay**, seu ultimo film, então, foi um verdadeiro portento de attracção, principalmente por causa da sua personalidade immensa.

— A força que sempre o fez e sempre o faz reter em suas mãos, o elemento feminino das platéas, é o romance que elle desprende da sua personalidade. Elle é o principe do Cimena, o romantico que faz sonhar, tanto as bellas como as as feias. Todas as mulheres, nelle, tenham ou não tenham os seus amados, encontram o completo typo do amoroso audaz e sonhador. E' por isso que elle é o preferido.

— Sua personalidade sugere, tambem, distinção rara e modos finos. Em todos os seus papeis, até hoje, elle teve, sempre, opportunidade de se mostrar honesto nos seus films, isto é, dando, sempre, mesmo em papeis de falsa psychologia, a idéa de ser elle um homem honesto, profundamente nobre, digno da confiança e da fé de qualquer pessôa. O exemplo é facil Em **Condemned**, tinha elle um papel de convicto, suppostamente innocente, mas na realidade um refinado patife, um completo gatuno. Elle conduziu seu papel de fórma tal que todos acreditaram na sua innocencia e todos o acharam nobre e digno, apesar de ladrão...

E' a sua personalidade formidavel a dominar a situação principal de um film...

Em **Raffles**, com outro papel, de ladrão, elle está simplesmente admiravel. Mas elle tem o poder, ainda, de fascinar e attrahir, mesmo quando presenteia a mulher amada com um bracelete furtado...

Os homens, na platéa, sáem acreditando que elle é um excellente rapaz e um homem ás direitas. As mães todas, orgulhar-se-iam de terem filhos como elle. Mulheres experientes sentem que a conquista de um homem assim seria difficil e, nellas, só isto basta pa despertar os seus instinctos de perseguição e caça. A pequena moderna e futil, por sua vez, sente que seria a sua maior aventura, o seu melhor romance, carsarse com um homem deste naipe.

O homem que não tem o, poder de concencer o subconsiente da mulher mostrando-lhe a sua força de caracter, seja este máo ou bom, não tem personalidade E isto que citamos como fraqueza é justamente o forte de Ronald Colman.

Qual é o homem attrahente, com uma grande força de vontade, que não tem, ao redor de si, muitas e muitas mulheres que o adoram? Não ha somma de attracção, entretanto, que possa fazer um homem fascinante se elle não tiver, tambem, bôa apparencia e encanto pessoal. E isto é o que sobra em Ronald.

Ronald Colman, no Cinema, dá a impressão exacta de ser um homem que escolhe a dedo os seus amigos e tudo faz com uma determinada razão. Elle não sugere um brilhantismo passageiro, errado, isto é, cousa de uma semana ou um dia, apenas. Elle dá a impressão de ser eternamente fascinante, eternamente balançado e certo em tudo quanto faz.

Infelizmente, mas é verdade, quando um grande astro da téla casa-se, feliz ou infeliz seja elle com sua esposa, perde logo e muito do seu encanto pessoal para com os **fans**. Seus olhos não offerecem mais aventuras, seus modos não lembram mais romance. A emoção desapperece completamente do cerebro das mulheres das platéas. E' verdade: as mulheres perdem immediatamente a attracção por homens assim.

Ronald não é casado. Ou se o foi, ninguem disso sabe e ninguem disso se lembra. E' mais um romance que elle acrescenta aos muitos que sua grande personalidade segere.

Douglas Fairbanks, por exemplo, ganhou, com o casamento, porque os typos de heróes por elle creados eram differentes, e não eram heróes romanticos, apaixonados e, sim, heróes athletas. Mary Pikford, além disso, era querida do mundo todo, quando se casou com elle e, além disso era uma das pequenas mais suaves e ingenuas do Cinema.

Se Buster Keaton ou Harold Lloyd forem casados e annunciarem, aos quatro ventos, que têm, cada um delles, 8 filhos, pouco importa isto aos seus **fans** e aos constantes admiradores. Clive Brook e Conrad Nagel, tambem, sendo **galãs**, como, são e não heróes romanticos e aventurescos, tambem se podem casar e annunciar os casamentos á vontade: nada perderão com isso. O heróe que figura nos sonhos de uma mulher como a figura que ella quer e idealiza, não pode ter esposa, não se deve casar. Destruirá, fatalmente, todo seu romance, anniquilará toda sua carreira. Isto é tragico, mas é certo.

Para as mulheres, este caso é differente. Tornamse mais attrahentes, ainda, quando são casadas... Se têm um casamento humilde, perdem tudo. Mas se é um casamento portentoso e um marido fascinante, mais ainda lucram com isso.

Examinando as grandes razões pelas quaes encontrei Ronald Colman o meu typo preferido e mais completo, acho que é por causa do balanço geral da sua organização physica e intellectual. Não ha quem não sinta que elle leva sua carreira bem a serio. Todos os papeis que interpreta, por sua vez, são differentes do precedente e têm uma nova phase de distincção e brilho. E tem uma grande qualidade: apparece como outro Ronald Colman em cada film que faz. E' sempre novo, portanto.

Verdade é que elle tem tido, até hoje, papeis bem pouco dramaticos, fortes, para interpretar. **Irmã Branca** foi o mais difficil. Sahiu-se elle ás maravilhas e, no principio da sua esplendida carreira, justamente, provou que era artista. Depois disso tem feito couzinhas simples e faceis para sua intelligencia e capacidade. Ainda o veremos num assumpto realmente formidavel.

Pessoalmente, elle é quiéto e de pouca gesticulação. Seus olhos, entretanto, têm um brilho que deslumbra e fascina, que prende e consegue o que quizer.

Sua alma, além disso, vista atravéz seus films, prova que tem experiencia da vida e, para gaudio de quantos o querem como romantico e fascinador, é uma alma que sempre se apresenta maliciosa, curiosa, exquisita...

(Termina no fim do numero)

MAR-
LE-
NE
TEM
GAR-
BO...

MARLENE
EM
ALGUMAS
SCENAS
DE
"DISHONORED"

Eram palavras assim que ella ouvia sempre. Casados estavam ha algum tempo e nada mais fazia ella, depois de o ter acceito como marido, amando-o extremosamente, do que sustental-o e ouvir-lhe os desafôros.

+ + +

Jim dormia e Clara fazia todo o serviço e ainda se ensaiava para os bailados da noite, porque fôra "chauffeur", trabalhára duramente para viver e, maroto, entrando depois para a vida de theatro, acha-a deliciosa. O primeiro passo que elle e a mulher haviam dado para vencer, na arte, fôra um tremendo fracasso. Clara conseguira collocar-se e ao esposo num numero de variedades e, quando estrearam, foram os mais completos insuccessos que já se haviam visto em todo o mundo. Ella desanimara um pouco. Passara a estudar com maior carinho, com maior dedicação. Elle, entretanto, vagabundo de origem, preferia continuar a dormir, sem ligar á nada, certo de que ella proveria por tudo, inclusive pela manutenção do lar...

+ + +

A vida, para ambos, faz-se um tormento. A senhoria não os deixa. E dinheiro não ha para pagar os alugueis em atrazo. A companhia de gaz acabara de cortar o combustivel por falta de pagamento e, assim, nem siquer logar para aquecer o leite do seu filhinho a pobre Clara encontrava.

— Se ao menos tivesses o teu antigo emprego de "chauffeur...

— "Chauffeur", eu?...

— Sei que agora só queres ser artista, bem sei... Mas o resultado é esta desgraça em que nos achamos...

— E que culpa tenho eu? Sempre falavas num filho. Elle ahi está. Sustenta-o!

Depois, pensando melhor, dava a suggestão sardonica e infernal que lhe dictava o pouco escrupulo de marido, o nenhum amor de pae.

— Queres te ver livre delle? Interna-o num orphanato! Ninguem saberá...

CANÇÃO

— Vamos. Tem coragem! Levanta-te, sahe dahi e vae trabalhar. E's tão preguiçoso...

Falava Clara Serrano, diante de um phonographo, ensaiando os primeiros passos da nova dansa que estudava para o acto de variedade ao qual pertencia. Já havia ha muito cuidado de tudo, arrumado o quarto todo. Exercitava-se, pela luta da vida e aborrecia-se muito vendo a indolencia de Jim, estirado sobre o leito, preguiçoso como ninguem e desalentado como nenhum outro.

— Deixa-me em paz! Dansa! Dansa! até que te arrebentes...

— Isso nunca! Eu delle jamais me separarei.

E era a luta de todos os dias, a questão eterna que surgia por qualquer motivo. Levantava-se elle. Preparava-se, cantarolando, comia o pouco que havia por ali e sahia. A' porta a mulher gritava-lhe, num assomo de desespero.

— Sem o dinheiro do aluguel não me appareças aqui, Jim!

E elle sahia sem a menor intenção de lhe dar confiança...

+ + +

A lembrança maior que accudiu ao cerebro de Jim, naquelle instante, para ver se conseguia dinheiro, não para o aluguel da casa, não, mas para a jogatina que o espera, é procurar Ashmore, dono de importnte fabrica e na qual seu pae fôra empregado e pedir-lhe dinheiro. Ashmore, entretanto, veda-lhe todas as vasas e não lhe dá o menor "cent." Acconselha-o a trabalhar e nem siquer dá ouvidos as lamurias delle quando cita a infelicidade da esposa e a fome do filhinho...

— Se tens amor ao teu filho, saberás trabalhar. Dinheiro emprestado, Jim, não dou á ninguem!

A CANÇÃO DO BERÇO

FILM DA PARAMOUNT

CORINA FREIRE . . . . *Clara Serrano*
Raul de Carvalho . . . . *Dr. Stanley*
Alves da Costa . . . . *Jim Grey*
Alexandre Azevedo . . . . *Sr. Ashmore*
Esther Leão . . . . *Madame Ashmore*
Antonio Sacramento . . . . *Cyril Belloc*
Guilherme Reis . . . . *Bobby*
Alzira Gueta . . . . *A creada.*

Director: — ALBERTO CAVALCANTI

Perambula por aqui, por ali, sem nada encontrar. Uns annuncios mostram-lhe a vantagem de ser fuzileiro naval. "Conheça o mundo!" Viagens, aventuras... Jim alista-se. E para celebrar o alistamento, entra com os companheiros e "amigos" em uma grossa bebedeira.

De volta para casa, altas horas, e não encontrando Clara, que sahira para comprar um pouco de alimento para o pequeno, apanha-o e sem siquer reflectir, leva avante o seu plano. Enrola-o e sahe para leval-o á um asylo.

Quando Clara chega, louca de dôr, já comprehendendo o plano do marido, corre em busca de Cyril Belloc, amigo e vizinho que muito os ajudava, sempre e com elle põem-se em busca de vestigio denunciadores do paradeiro de ambos.

Nada entretanto conseguem. A magoa de Clara é intensa. Seu coração soffre brutalmente.

\+ \+ \+

Passam-se annos. Vamos encontrar Clara, agora, em pleno "front", servindo na Cruz Vermelha americana, auxiliando a aliviar os soffrimentos daquella quantidade enorme de feridos e agonisantes.

DO Berço

Entre os homens que lhe ,chamam a attenção está um que já tentara por vezes conhecer. Quando, á noitinha, cantava a "Canção do Berço", cantiga sentimental com a qual costumava emballar seu filho, ouve que elle se mexe e volta-se para ella. Desfa-se a mascara do esquecimento. Recorda-se ella, num instante, de quem é elle: Jim!!! Seu marido! Completamente avelhantado, alquebrado, infeliz e nos ultimos instantes de vida.

As palavras de Clara, rapidas, ferem-lhe os ouvidos.

— Onde está nosso filho, Jim? Para onde o levaste? Dize-me! Não faço outra cousa sinão procural-o!

Jim ouve-a. Raciocina. Comprehende tudo aquillo e, num summo esforço, quasi num arranco, diz-lhe, impetuosamente, tombando morto; depois da palavra que lhe custa um verdadeiro sacrificio pronunciar, naquelle extremo de agonia.

— Ashmore!!!

E é com este nome que Clara passa seus ultimos dias no "front" e com elle, sempre na memoria, que de novo atravessa o oceano, de volta, em busca do seu filhinho adorado.

(*Termina no fim do numero*)

JACK

O predio aonde elle mora estava em chammas. Mas socegui quando soube que referia-se o incendio ao quarto andar e não ao terceiro, aonde elle se achava. Subi, apesar do accumulo de gente na rua e por todos os lados. Quando a porta se abriu, appareceu o emprezario. Atraz delle, Jack Oakie.

Conversamos sobre o incendio, elle dirigiu alguns brados aos bombeiros, deu-lhes mais animo com suas piadas e, depois voltou-se para mim, prompto, como um martyr, para o supplicio da entrevista que lhe ia pedir.

— Diga-me, Jack, como foi que conseguiu seu successo tão grande, nos films fallados e a que deve você isto. Você é um dos **astros** que subiram vertiginosamente depois que os films começaram a fallar...

— Perfeitamente!

Respondeu-me elle, já acostumado, talvez, a responder pergunta identica.

— Você, aliás, tem toda a razão. Foram os **talkies**, realmente, que marcaram o apogeu da minha carreira, justamente o ponto onde hoje me encontro. Sabe que este anno que se foi fiz a brincadeira de 14 films?

Era um **record**, innegavelmente, mostrei minha surpresa com algumas palavras de elogio e animação, perfeitamente classicas.

— Conte-lhe.

Proseguiu elle com aquelle seu sorriso ás vezes tão imbecil, nos films. Ha apenas uma razão para o meu successo de hoje. A razão é simples: não tenho e nem nunca tive medo de microphones. Você já viu como ha artistas que se sentem pavorosamente nervosos quando têm que fallar para este cavalheiro, Mike?

— Felizmente ha um que se chama Jack Oackie que não teme.

Respondi, sorrindo.

Exactamente, amigo. Jack Oakie e... poucos outros! O microphone petrifica certos cavalheiros e certas cavalheiras do Cinema. E' por isso que, nervosos, perdem **tests** e liquidam-se, gradativamente, no conceito do publico.

Levantou-se, rapido e immitando o medo e o tremor do corpo dos artistas dos quaes fallava, poz-se elle a fazer uma scena comica que me poz rindo largamente.

— E como foi que assim conseguiu dominar seus nervos?

— Ora... Se nunca, na vida, importei-me com cousas mais importantes do que essa, havia de me enervar com um simples microphone sobre meus miolos? Aliás tenho o habito de, representando ou não, ser o que eu sou. A primeira vez, quando faziamos **E Assim Fallou o Mudo** (The Dummy), meu primeiro film fallado, enervei-me, tambem. Mas pensei no meu ridiculo defronte aos electricistas, aos carpinteiros, a todos os que me viam e reagi. Sahi-me bem, felizmente.

— Você costuma decorar seus papeis?

— Não. Eu sei que muitos o fazem, a maioria, mesmo. Mas acho que esta é a maneira errada: procuro comprehender o espirito do que tenho a dizer e, depois digo por minha conta. Acho que dá mais naturalidade e creio que é isto que o publico quer: naturalidade...

Depois de uma certa pausa, continuou.

— Quando elles me dão um papel para estudar, eu espero até ao ultimo instante e, depois, leio-o todo, de fio a pavio, comprehendendo o espirito geral do meu papel. Depois, fallo aquillo com minhas palavras proprias, entendeu? Acho que é por isso que me acha tão natural no Cinema. Esses escriptores que vêm para Hollywood escrever letreiros e dialogos, amigo, quasi sempre são da escola papagaio, isto é: cousas que ninguem diz e só os dicionarios sabem. Ora, fallar difficil é impossivel, em determinadas circunstancias e especialmente em certos papeis. E' por isso que não dou a menor satisfação a este caso. Eu fallo americano: é inutil, portanto, que queiram que eu falle inglez...

E elle disse algumas phrases num affectado accento inglez que, palavra, sentimos não ser possivel reproduzir aqui. Se o puzerem, algum dia, entretanto, num film em que elle tenha de se mostrar convencido, e, tambem, fallar difficil elle tente, então terão occasião de sobra para ouvir e garanto que se rirão ás maravilhas.

— Você, Jack, jámais tomou liçoes de diçoes?

— Dicão? Espéra ahi! Acho, ao contrario, que é justamente isso que arruina muitas bôas carreiras no Cinema... Porque é, mesmo, que muitos dos antigos artistas de Cinema fracassaram e muitos de theatro vivem sendo fracassos? Por causa da dição... Não **aprender a fallar**, como se ainda fossem crianҫinhas e, depois disso, ainda queixam-se quando lhes sucede

(Termina no fim do numero)

Sim, Clara Bow outra vez...

VOCÊ JA' E' UMA BOMBA, CLARINHA...

SCENAS DE LUTA TREMENDA PARA DAR VIDA Á HISTORIA

A não ser que o nosso galã ou o nosso villão possua uma personalidade individual espantosa, será dificilimo fazermos uma scena de luta realmente realista. Em uma das versões de "The Spoilers", é sabido que uma das scenas de luta foi mantida até o fim, até que os directores se convencessem de que haviam conseguido uma luta real e prefeita. Resultado: uma collecção de costellas quebradas, torsões nos braços, e mais uma porção de coisas arrebentadas. Esse methodo é inconveniente para os membros de uma agremiação de amadores que tenham que comparecer ao escriptorio no dia seguinte, e que não gostem lá muito de andar chamando a attenção de seja quem fôr.

Ha pelo menos trez maneiras de se evitar esse desastre. Podemos filmar a scena a meia velocidade, avisando primeiro aos artistas para que se movam mais devagar. Um "test" determinará a velocidade necessaria. A pricipal vantagem desse methodo é que permitte aos artistas tornarem os seus soccos mais directos aos queixos do adversario, sem muito damno para este. Outra vantagem, depentente aliás de um calculo exacto do tempo, é que a luta dará a impressão de ser mais rapida e mais brutal.

A segunda maneira reside neste recurso: poderemos filmar scenas isoladas, ao envez de uma scena continua. Primeiro, um "medium — shot" da luta, depois uns "closeups" de pés que se arrastam e se misturam, as physionomias dos combatentes, punhos que trocam soccos terriveis, etc. Com uma edicção cuidadosa, todas essas scenas pódem constituir-se n'uma tremenda luta. Ha porém um terceiro methodo que produz effeitos muito espectaculares. Vamos apresentar dois exemplos que suggerirão muitos outros. Para o effeito de uma luta no topo de um alto edificio, onde o villão é afinal lançado no vácuo, devido a um terrivel socco, uma sequencia como a que segue pode ser usada sem perigo algum para os artistas:

(1) Longshot apanhado da rua, mostrando os combatentes em luta, junto á borda do telhado.

(2) Medium-shot dos combatentes, apanhado do proprio telhado e mostrando-os a tres metros da beira.

(3) Closeup dos pés e das pernas, rolando até uma distancia de metro e meio da beira, mostrando tambem a rua ao longe, e em baixo.

(4) Semi-closeup dos combatentes. Neste shot, presisamos tomar a mesma posição do shot nº 3. O heroe está de costas para a camara, e os mesmos edificios se vêem do outro lado da rua, mas não se nota a borda do telhado. O herôe arremessa um socco direito aos queixos do villão, este balança o corpo, sacode os braços como quem péde soccorro, e cahe de costas... n'um colchão que foi collocado por traz delle, á beira do telhado.

(5) Nesta scena, si não é possivel empregar um boneco sem machucar os que estão em baixo, póde-se amarrar a camara na ponta de uma corda sufficientemente fórte, e deixal-a escorregar entre as mãos, com alguma velocidade, mas com bastante cuidado, de modo a não deixar que a camara bata, de encontro ás paredes do edificio.

(6) Medium-shot do heróe, olhando por cima da bórda do telhado, para a rua, em baixo.

(7) Lougshot, visto da bórda do telhado, da caiçada em baixo, com uma pessôa estendida, de costas, e muita gente á roda.

* * *

Póde-se dar um tratamento ás scenas de luta, de modo que os combatentes fiquem parcialmente fóra da vista dos espectadores. Neste caso, é a propria imaginação da audiencia que constróe os detalhes da luta. Vê-se, por exemplo, o vencedor tomar de uma garrafa de vinho e arrebentar com ella a cabeça do adversario, que se acha escondido, por traz de uma mesa virada. O espectador não vê o golpe, mas calcula facilmente os seus effeitos. Outro effeito semelhante póde ser obtido, filmando-se apenas as sombras dos combatentes, tal como se viu em "Bulldog Drummond".

Si a historia exige uma scena de punhalada, faça-se do seguinte modo: colloquem-se os dois artistas, de modo que um fique voltado de costas para a camara, vendo-se a cara do primeiro, por cima dos hombros deste. Faça-se então com que o actor de costas avance com uma faca na mão, e de repente abaixe-a, enquanto o artista, cuja face é visivel por cima do hombro do outro, cahe gradativamente ao chão, denotando uma dôr aguda, proveniente da "facada...

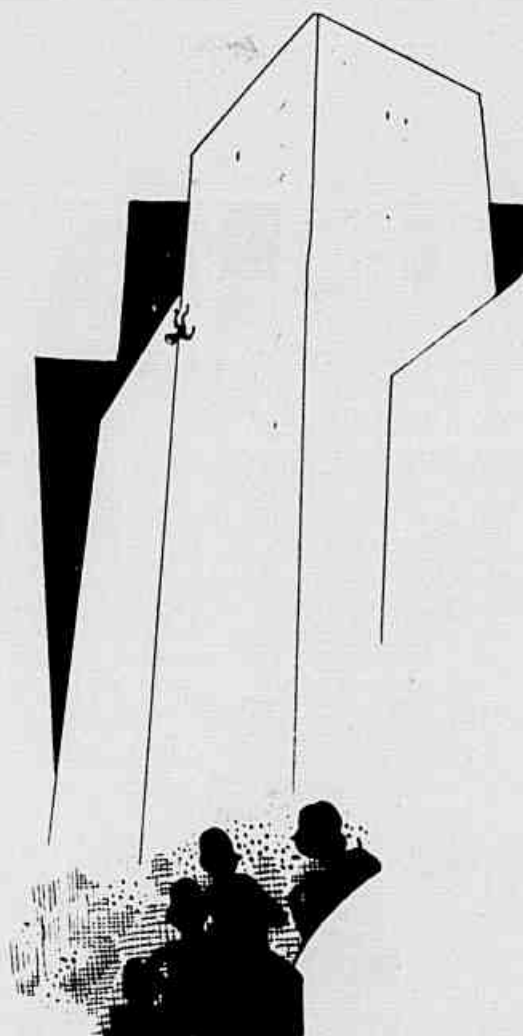
Si o punhal é para ser usado durante uma scena de luta, enfie-se o punhal ligeiramente na madeira da parede, e amarre-se ao cabo um pequeno fio de arame, da mesma côr que o ultimo-plano. Depois, filme-se uma scena em que algum assistente arranca o punhal pelo fio, mas com a camara de lado, e de cabeça para cima. Por ultimo, a "victima" cahindo ao chão, tocado pelo punhal. O resultado será um combatente lançando o punhal contra o outro, no ar, e o outro cahindo no chão, ferido pela arma.

Ha ainda um ponto a considerar nesta questão. No Cinema Profissional, tudo aquillo que precisa ser quebrado na cabeça dos combatentes é feito de material facilmente quebravel. Mas no Cinema de Amadores as coisas, jarros, cadeiras, mesas, etc. são de facto, e por isso é preciso muito cuidado para que os artistas não saiam muito machucados.

Uma outra sequencia de luta tremenda póde ser realisada n'um portico superior, onde um dos combatentes é lançado ao sólo, por cima da amurada. Para alcançar-se este effeito, escolha-se uma casa de apartamentos, em que os porticos de cima sejam exactamente eguaes aos de baixo, e filme-se então como segue:

(1) Long-shot visto da rua, mostrando os combatentes junto á amurada po portico de cima.

(2) Medium-shot da luta, apanhado do portico, vendo-se a rua em baixo.

(3) Medium-shot da luta. Colloque-se a camara em frente do portico de baixo, junto á calçada e filme-

Cinema de Amadores

(de SERGIO BARRETTO FILHO)

se o artista cahindo por cima da amurada.

(4) Long-shot da quéda, visto do portico de cima. O artista repete a scena anterior, cahindo da amurada do portico de baixo, ao sólo. Como é natural, só se aproveita a ultima parte desta scena.

* * *

Para terminar, eis aqui uma sequencia pequena e simples, que nunca deixa de emocionar o publico, especialmente a parte feminina da audiencia. Conclúe com a morte do villão, porém uma morte que parece mais real e mais vivida.

Antes de filmar esta scena, é preciso fazer primeiro algumas preparações. Arrange-se primeiro varias táboas de madeira leve, de 3 centimetros de espessura, 36 de largura e 54 de comprimento, terminando por uma ponta arredondada. No alto de cada uma, construiremos então uma nadadeira de tubarão, com varas de bambú e o mais, tendo-se porém o maximo cuidado para que a construcção seja solida e não se desmanche. Agora, em baixo de cada táboa, pendure-se um pequeno peso, sufficiente para manter as nadadeiras em parte fóra d'agua. De cada lado, e perto da extremidade, colloque-se uma folha pequena de zinco ou lata, com uma largura de uns 15 centimetros no maximo, os quaes manterão as táboas na sua posição correcta, dentro da agua. Por ultimo, pinte-se tubo de negro, e amarre-se uma linha de pescar a cada táboa. Collocando as táboas na agua, e fazendo com que um assistente, de um barco, puxe as linhas de pescar, as tábos se movimentarão, correndo á superficie da agua e dando a impressão de verdadeiros tubarões. Algumas tests prévios darão os melhores angulos para photographar os peixes da morte.

Agora, uma sequencia simples e emocionante, ta como preconisámos acima:

(1) Long-shot do heróe lutando com o villão a bordo de uma embarcação qualquer.

(2) Medium-shot da luta, apanhada de outro angulo.

(3) Close-up do villão, atirado ao mar pelo heróe.

(4) Long-shot dos tubarões, que acodem de varias direcções.

(5) Close-up do villão ao notar os tubarões, que se dirigem para elle.

(6) Close-up de um dos tubarões, deslisando a meias aguas.

(7) Medium-shot do villão, ao notar que varios tubarões estão quasi ao seu lado.

(8) Close-up do villão debatendo-se na agua, levantando os braços e afundando.

(9) Close-up de bolhas d'agua no logar em que o villão se afogou. Este effeito pode ser obtido por meio de um tubo comprido de barracha, o qual será mantido a meias aguas por um flutuador de madeira e zinco, pintado de negro. N'um outro barco, fóra do campo da camara, outro assistente soprará no tubo, produzindo algumas bolhas d'agua, e depois parará, deixando que o mar retome outra vez a calma primitiva, para então se suspender a filmagem.

* * *

Todas essas scenas de luta e emoção descriptas acima foram imaginadas para serem usadas em historias e continuidades que exijam o minimo possivel de material. Bastará imaginação e bom-senso para construir outras do mesmo genero. O amador deve adaptar essas scenas, e construil-as, de accordo com as proprias necessidades, visto que os exemplos dados acima são apenas os mais simples e os mais curtos. Si este artigo promover a filmagem de scenas de luta, entre os amadores, ao menos terá pre-enchido os seus fins.

* * *

CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR

negar — do phonographo. Quando porém a um disco de valor se segue outro tambem de valor, expressando uma idéa musical semelhante á primeira, mas pertencendo á mesma classe e ao mesmo typo de musica, o successo é completo. E nós dizemos isso porque sempre fazemos as nossas exhibições, acompanhadas de audições executadas sobre os mesmos preceitos que aqui offerecemos aos nossos amigos e leitores.

Falta, apenas analysar quaes essas classes de musica que melhor coincidem com as diversas classes de film.

Já dissemos que, a nossa vêr, a cinematheca do amador poderia dividir-se em cinco parte distinctas: os jornaes, os films educativos, as comedias, os dramas, e os desenhos animados, incluir mais uma classe nessa divisão seria superfluo. Vejamos agora as classes de discos que melhor se adaptam para esses typos de films.

Para o jornal, nada ha melhor do que a marcha. As marchas, principalmente as marchas militares, são o ideal para a presentação de um jornal. Recommendariamos ao amador as marchas de Souza, o maestro e compositor da policia americana; por exemplo, a "Marcha Americana" e a "Washigton Post March". Todo o mundo as conhece, mas são sempre as melhores para um jornal.

Para o film educativo, principalmente o film de turismo, o melhor genero de musica será sempre a valsa. A acção, no film educativo, é sempre lenta, e por isso dá-se bem com a valsa. As valsas das operetas antigas, as valsas de Johann Strauss e de Franz Lear são sempre mais aptas para esse genero de musica que é a vaisa como acompahamento de um film educativo.

Para as comedias, nada exhiste melhor que a nossa propria musica de dansa regional .O samba representa o typo mais adaptavel ás comedias, desde que não haja a interposição desastrada do canto e dá letra. Neste ponto, o "fox" é mesmo inferior ao nosso samba. Não ha como o samba regional para acompanhar uma bôa comedia, com bastante acção.

Para o drama, vejam-se os "potpourris" e as "ouvertures" das aperas mais conhecidas. Quantas vezes a "ouverture" do "Califa de Bagdad" foi executada, nos nossos cinemas profissionaes, durante a exhibição de um drama, nos tempos aureos do Cinema Silencio-

(Termina no fim do numero).

JOHN BARRYMORE
E
DOLORES COSTELLO
NO
LAR...

VISITAS DE CERIMONIA: GEORGE ARLISS, BEBE DANIELS (SERA'?) E O CAPITÃO BIRD... SE AINDA NÃO CHEGOU A GENERAL...

NÃO FOI SHAKESPEARE QUE LHE DEU ESTA CASA...

A TELA EM REVISTA

PALACIO-THEATRO

ORDINARIO, MARCHE ! — (De Frente, Marchen !) — Film da M. G. M. — Producção de 1930.

Das versões hespanholas que temos visto, ultimamente, esta é a melhor. Principalmente, melhor mil vezes do que *Jéca de Hollywood*, do mesmo Buster Keaton.

O film, em si, apesar de todo falado, é interessantissimo e tem piadas gosadissimas durante elle todo. As situações são muito bem encadeadas e a graça vem no momento preciso, sempre bem humorada e sempre espontanea. Buster Keaton, num genero já tentado por diversos outros grandes artistas comicos, inclusive Carlito, sahe-se esplendidamente e tem trechos de grande relevo, como a sua dansa de apache e a tourada. Outros, como os do principio do film, igualmente interessantes, como, ainda, a atrapalhação delle quando cahe aquella granada arremessada pelo aeroplano, bem dentro do seu esconderijo.

A versão ingleza com certeza seria melhor, principalmente quanto ao elenco. Este, da versão hespanhola, excluindo Conchita Montenegro que é uma figurinha de muito futuro e realmente interessante, os demais perdem para a versão original. Nella figuravam Cliff Edwards, Sally Eilers (que aliás apparece na sequencia daquella representação, dansando com aquelle saiotezinho, trecho esse que conservaram da versão original, assim como aquelle outro do navio, com aquelle concerto em que apparecem Cliff Edwards, cantando e o proprio director Edward Sedgwick imitando um contra baixo) e Frank Mayo (lembram-se ainda delle?) E na hespanhola, sem comtudo comprometter a homegeneidade do film, Juan de Landa, actualmente em grande evidencia e outros hespanhoes cacetes.

E' um film rapido, interessante, novo, em certos aspectos e bastante engraçado. Edward Sedgwick revela-se um mestre na direcção e apparece numa pontinha, como cozinheiro do regimento, cantando *La Paloma* e divertindo bastante com a sua cara gozada.

Buster Keaton, sempre admiravel e estupendo. Neste film elle põe em evidencia todas as suas qualidades.

Conchita Montenegro, posto que sem muita opportunidade, muito engraçadinha.

O final do film é interessante e original. Engraçadissimo, tambem.

Não percam o film. E' uma alegria ver-se um assim depois de uma temporada de outros tão terriveis.

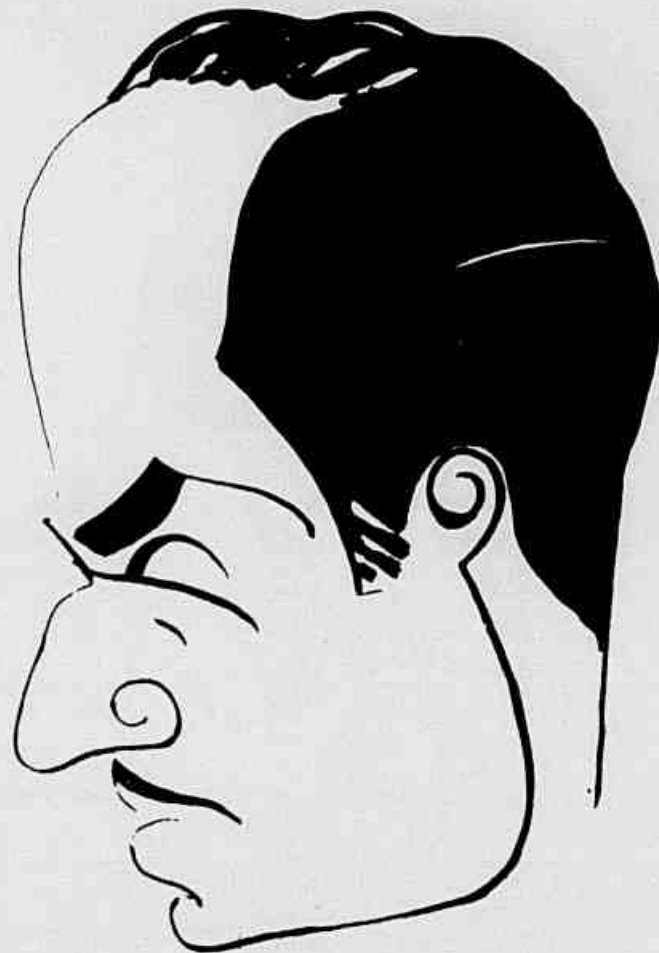
Cotação: — 7 pontos.

PATHÉ-PALACIO

A TENTADORA — (The Bad One) — Film da United Artists — Producção de 1930.

George Fitzmaurice, quando fez *A Tentadora*, com Dolores Del Rio e Edmund Lowe, um casal magnifico, com certeza andava aborrecido ou não sentiu a historia que tinha para dirigir e fez tudo automaticamente. Dizemos isto, porque o trabalho não guarda a uniformidade dos seus outros films, principalmente quanto á photographia, o seu forte, pois é, toda ella, neste film, commum e até corriqueira, em certos trechos, considerando-se ainda que Karl Struss, um operador competentissimo, foi o seu *cameraman*.

A historia é regular, embora com varios trechos inverosimeis e a adaptação nada offerece de anormal. E' verdade que o film ainda é da epoca passada dos *talkies*, isto é, antes de *City Lights* e, portanto, susceptivel de erros.

Apesar disso, entretanto, Dolores Del Rio, realmente tentadora, enfeita o film todo e alegra os corações dos que o assistirem com seu

William Powell conseguiu agradar como "astro".

sorriso maluco e seus olhos estupendos. Edmund Lowe, por seu lado, apresenta-se *a la* "Sangue por Gloria" e tem alguns novos fortes idyllios com Dolores. Mas o seu trabalho é bastante commum e despido de originalidade.

Ulrich Haupt, Don Alvarado, Mitchell Lewis, Ralph Lewis Yola D Avril, John Sainpolis, George Fawcett e Blanche Frederici, apparecem. O final do film é forçadissimo. O principio é bom, até o casamento de Edmund Lowe com Dolores, atrapalhado pela chegada de Mitchell Lewis. Dahi para diante vae muito.

Assistam, entretanto, que sempre tem uma *estrella* que vale um film, ainda que elle seja peor do que este e um galã que só por si vale o preço da entrada. O director é que foi o culpado do film não ser melhor. Mechanizou tudo e não deu mais alma ao assumpto de John Farrow.

Scenaristas, Carey Wilson e Howard Emmett Rogers.

Cotação: — 6 pontos.

:-: Como complemento, um *short* sobre motivos escocezes. A platéa riu-se á vontade.

CAPITOLIO

DEFESA QUE HUMILHA — (For the Defense) — Film da Paramount — Producção de 1930.

O Cinema quando começou a falar, apresentou diversas ameaças aos *fans*. Entre ellas, *refilmarem* ou filmarem assumptos de tribunal, com julgamentos, defesas, accusações, etc. E, de facto, foi o que se deu. Da maior dellas, *Ré Mysteriosa*, livramo-nos por um acaso, quando o Imperio encerrou ás pressas a sua temporada ingleza por falta de... inglezes. Das outras, entretanto, não conseguimos fugir e bem por isso é que assistimos este film de William Powell.

Não é mau, diga-se e tem pontos de valor. O assumpto prestava-se para muito mais, entretanto e temos a plena convicção que a direcção de John Cromwell, demasiadamente theatral, é que o peorou.

A historia conta as aventuras de um advogado de bandidos. Seus amores, tristezas, amarguras e sacrificio. Conta tudo isto com muitos movimentos de machina, com muito movimento de *extras*, com montagens bastante photogenicas e com um razoavel scenario de Oliver P. Garrett do argumento de Charles Furthman (um dos scenaristas de *Paixão e Sangue)*. Mas falta *alma* ao film. E tem muita scena de tribunal e muito dialogo inutil. John Cromwell ainda tem todos os vicios naturaes aos individuos que vêm do theatro e querem fazer theatro com a *camera*, (não theatro de *camera...)*. Um Lothar Mendes, por exemplo, talvez fizesse deste film um portento.

William Powell, actualmente em grande evidencia, é o mesmo esplendido artista de sempre e salva grande parte do film com o seu desempenho perfeito. Kay Francis, cada vez mais linda, mais estupenda, augmenta o valor da interpretação de William Powell, auxiliando-o com a sua. Scott Kolk, William Davidson, Thomas Jackson e Jimmie Finlayson, tomam parte.

O roubo do automovel e aquelle *chauffeur* perguntando ao *detective* se elle não tinha casa, são duas situações boas do film. Dramaticas, as finaes.

Podem assistir. Mas vejam, antes, se este negocio de tribunal ainda os conservará acordados, durante a sessão...

John Cromwell commette varios erros de continuidade de acção, neste film. Repetimos: ainda não se ambientou em Hollywood, se bem que tenha uma ou duas qualidades apreciaveis para se tornar, com o tempo, um director de nomeada.

Cotação: — 6 pontos.

PARISIENSE

CRUCIFICADA — (Weib Am Kreuz) — (Programma Urania).

Um film soffrivel. A synchronização é arranjada e melhor seria um realejo acompanhando o film do que os discos que os apparelhos fanhosos do Parisiense executaram.

Crucificada tem uma historia interessante e apresenta Marcella Albani, Hans Von Schlettow e Stuart Rome nos principaes papeis. Marcella representa mal e Hans Von Schlettow bem, sempre.

Um film allemão que está longe da producção boa da Ufa. E' assistivel, mas apenas para quem apreciar um dos artistas do elenco ou quizer experimentar. Melhor se for complemento de um programma bom.

Cotação: — 5 pontos.

——O——

:-: *Air Police*, da Sonoart, tem Kenneth Harlan, Josephine Dunn e Charles Delaney nos principaes papeis.

:-: Hedda Hopper assignou novo longo contracto com a M. G. M.

:-: *Shipmates*, da M. G. M., com Harry Pollard dirigindo, terá Robert Montgomery no principal papel.

:-: A Argentina tem, presentemente, 100 installações para films falados, 75% das quaes em Buenos Aires.

:-: Certos de que a producção falada em versões estrangeiras não dá o resultado esperado, as fabricas de Hollywood resolveram, recentemente, deixar de lado a mesma e applicar o capital que as mesmas consumiam em melhoramentos para a producção original: Assim é que apenas 5% de voz serão applicados e a restante será silencioso. E' o que nos diz o Film Daily e o que já sabiamos que aconteceria depois de exhibido o film de Carlito...

MARIAN MARSH

HELEN... TAL qual é'...

Apontou a aurora de um novo dia para Helen Twelvetrees. E este dia, felizmente, tem todos os symptomas de felicidade extrema. A noite que passou foi negra, sem esperanças, terrivel...

O peor anno para a sua carreira, já passou. Quando a procurámos para conversar com ella, disse-nos, nas suas primeiras:

— Agora, sinto-me feliz. Feliz, feliz, feliz!!! Nem pode imaginar como estou intimamente!

\+ + +

E' a historia de uma pequena loirinha, graduada pelo Seminario de Brooklyn Heights, em 1925. Queria ser artista. Mas não entrava o Cinema em suas cogitações. Hollywood, sinceramente, não fazia parte, absolutamente, dos seus planos. Eram New York e a Broadway luminosa que a chamavam.

A principio, junto aos paes, a campanha foi severa. Mas a sua teimosia, a sua insistencia, fizeram crer ao pae que acertaria deixando-a seguir os impulsos do seu coração. Elle era agente de publicidade de uma série de jornaes new-yorkinos e suas palavras, dando-lhe licença para seguir seu coração, foram estas:

— Atiraram-te fora do Instituto Berkeley, menina, porque lá appareceste fumando. Disseram-me, não sei onde, que as grandes artistas, todas, têm este mesmo habito... Não quero que me digas, mais tarde, que deixaste de brilhar por minha causa. Se ainda tens animo, vae!

E foi assim que Helen Twelvetrees foi ter á Liga dos Estudantes de Arte e á Academia Americana de Arte Dramatica, ambas em New York.

— Era uma pandega! Mas trabalhavamos, tambem. Eu pensava, antes de ver a realidade, que ser artista era decorar o papel e ir para o palco recital-o, muito direitinho, sem esquecer uma linha do mesmo... Que differenças encontrei!... Acabei verificando que eu não sabia ficar em pé direito, nem andar, nem falar, nem nada. Além disso, tomava lições de respirações para não interromper um dialogo para tomar folego e outras cousas neste genero. Aprendi uma série de cousas uteis e outra série de cousas perfeitamente inuteis.

E sorriu para mim depois de ter contado este episodio. Quando Helen Twelvetrees olha alguem com seus olhos azues e dá um daquelles seus sorrisos meigos, não ha ninguem que não creia na alegria de viver...

— Tirei diploma na Escola Dramatica, finalmente, e tive a sorte de logo encontrar uma vaga com os artistas de Stuart Walker. Sendo, o nosso grupo, todo composto de artistas itinerantes, representavamos tudo quanto era imaginavel em materia de theatro, do drama tragico á comedia apalhaçada. Entre as peças, imaginem, representavamos "An American Tragedy", "Elmer Gantry" e "Broadway"...

Hesitou ella, neste ponto das suas declarações e comprehendi que algo de uma luta interna feria-se no seu coração. Ella queria dizer alguma cousa que temia não ser direito dizer. Afinal resolveu-se e disse:

— Depois commetti um erro.

Disse e, no mesmo instante, toldou-se o azul da felicidade do seu rosto.

unindo dois corações jovens, ardentes. Nenhum delles, entretanto, sabia nada do que estavam fazendo e apenas tinham um amor muito superficial um pelo outro. Não tinham lar. Não pensavam em felicidade conjugal. Ella para lá, elle para cá. Nem siquer pensavam em filhos.

Helen não gosta que se fale neste episodio de sua vida. Ella se limitou a dizer que havia commettido um erro. Nós, entretanto, que sabiamos, por outros meios, do quanto se passara com ella, arriscámos ser indiscretos... Depois da longa pausa que fez, continuou, sempre séria e quasi triste:

— Pode ser que tenha sido culpa minha. Não sei. Para o casamento, comprehendo hoje, tambem é preciso um curso, estudos muito sérios e grande intelligencia para saber conduzir sabiamente o carro da felicidade á méta do successo. Eu tenho que esquecer o meu, é tudo quanto sei delle...

Nada mais eu lhe perguntei. Ser indiscreto, para que? Por outras pessoas conhecidas suas, de New York, soube que ella tentou desesperadamente fazer do seu casamento uma felicidade. Não foi sua culpa. O marido era bastante cruel.

A sua vinda para Hollywood, depois disso, deu-se ainda em companhia do seu esposo e, em parte, foi isto que auxiliou a mais ainda se toldar o horizonte já sombrio do futuro da sua carreira artistica.

A Fox, como todas as outras companhias, andava agitada pelos *talkies* que eram o furor daquella epoca inicial. Gente de theatro era procurada como agulha em palheiro. Sabiam, os productores, que esses eram artistas que sabiam dizer bem os dialogos. A Fox deu o seu salto sobre os theatros de New York e começou a contractar, á esquerda e á direita, rapazes e moças, velhos e velhos, meninos e meninas, gente de theatro, em summa. A ida de gente de theatro, para Hollywood, executar contractos, foi até motivo de pilherias e parecia, mesmo, a busca de ouro, em outro periodo da historia americana.

Tirados dos seus ambientes, atirados diante de um microphone, completamente resambientados, aquelles artistas que nem siquer conheciam a redimentar technica Cinematographica de photographar quadro por quadro, fracassavam pavorosamente, alguns, sahiam-se soffrivelmente outros, e venciam rarissimos! Os pedidos para quebra de contractos começaram em breve. Todos queriam se libertar da cadeia de celluloide para voltarem á liberdade dos palcos de New York...

Os *test*, mesmo, naquella epoca, dada a quantidade enorme tirados diariamente, eram outros prejuizos para essa gente.

Helen Twelvetrees figurava entre os artistas que soffriam e entre aquelles que haviam fracassado.

Durante todo tempo em que esteve com a Fox, nada mais teve do que tres opportunidades e, todas ellas, em tres films sem a minima importancia.

Todas as noites, quando regressava a casa, não fazia mais do que chorar a sua extrema infelicidade. Nada sahia certo, dentro dos seus planos. Tudo parecia-lhe errado. Seu marido era outro tremendo fracasso: começavam já os preparativos para a eterna separação, por não mais se supportarem...

Ella sentiu-se derrotada, humilhada, vencida. Quando terminou seu contracto, com a Fox, pensou em regressar immediatamente a New York. Levava, com ella, toda a vontade de mostrar que sabia ser artista e, do Cinema, numa crudelissima decepção.

Pequenina, loirinha, olhos azues, só, ainda pouco mais do que menina, endividada, sentia Helen que Hollywood era o Inferno que Dante descrevera na sua *Divina Comedia*... E além disso tudo, a tristeza

(*Termina no fim do numero*)

O unico amor de Marlene

(Continuação do numero passado)

Chorei mais ainda. Quando parei e meus nervos cessaram a agitação em que se achavam, ergueu ella o vestidinho e disse, sorrindo: "Viu? Você molhou todo meu vestidinho!". Depois disse-me, completando tudo: "O que é America, de que tanto elles falam?". Continuámos ali, por algum tempo e foi quando o telephone chamou. Era Von Sternberg. Quem attendeu foi Maria e ambos conversaram algum tempo. Ella gostava immensamente delle e elle della, tambem. Lembro-me que ella disse: "Se Mãezinha fôr com você, voltará logo, voltará?" Elle respondeu que sim e disse-lhe, em linguagem simples, tudo quanto de bom poderia resultar desta viagem. Ella deixou o telephone, para chamar-me em seguida e disse-me: "Mãezinha, você deve ir para a America. Eu esperarei você. Você voltará logo, elle prometteu e eu serei muito bôazinha esse tempo todo. Antes de ir, peço que você não se esqueça de comprar um cachorrinho para mim. Vendo o cachorro, eu pensarei sempre em você e, assim, não esqueço nunca aonde você está". Passaram-se dias. Resolvi ir, assignei o contracto que Sternberg tinha prompto para eu assignar. Quando partimos, todos choraram, mesmo meu marido. A unica que não chorou foi Maria. Ella entretinha-se com o novo cachorrinho, um branquinho, muito engraçadinho e lá ficou aos cuidados dos parentes e do carinhoso pae. Lembro-me que elle disse a todos que choravam, abraçando-me: "Para que chorar? Ella não volta? Elle prometteu..." E apontou Von Sternberg que a apanhou nos braços e a beijou. Se ella me dissesse, naquelle instante, "fica, Mãezinha", eu teria ficado. Ella faz de mim o que quer. Mas a condição do meu contracto é esta: seis mezes aqui, seis mezes lá.

Depois de algum tempo, erguendo-se e tomando outra posição, continuou, olhar quasi abstracta:

— Agora approximam-se os seis mezes de estadia lá. Pode ser que eu volte. Assim eu prometti. Mas se Maria me pedir que fique... Nos meus momentos de descanço, tenho gravado discos, mandado para lá e, de lá, recebido outros, gravados por ella. E' assim que temos conversado. Eu não tenho ido e nem vou a festas. Sinto-me extremamente só. O meu unico divertimento, mesmo, é tocar e tornar a tocar os pequeninos discos que Maria me manda, gravados com sua vozinha mimosa. Ella já aprendeu algumas palavras inglezas e ella as diz nos discos. Quando tiver um filho para querer bem, digo-lhe, saberá comprehender tudo isto que lhe estou dizendo. Minha mãe foi uma das melhores que tenho conhecido. Cuidadosa, amorosa. Meu pae, official do exercito, morto na grande guerra. Depois da morte delle, Mamãe tratou de todos nós como se fosse dois: mãe e pae. Foi ella que me fez estudar inglez, francez, musica e muitas outras cousas. Tornou-me alguma cousa, na vida. Fazia-me violenta, ás vezes. Mas ella me governava e fazia-me voltar á razão. Foi assim que me educou. Não comprehendia nada disso. Achava exaggero. Hoje que tenho minha propria filhinha, comprehendo e mais respeito devoto á minha mãe. Ella quiz vir commigo. Não tinha o direito de tirar a mãe de outros filhos. Minha filhinha, meu marido, minha irmã e meus irmãozinhos não podiam ficar sem ella. Que mãe que ella é! Tomara eu seja assim...

Falou mais, sempre pensando nos seus, na sua familia.

— Na verdade, filhos, mesmo eu tenho dois. Meu marido é um delles... E' muito joven. Os homens sempre são mais jovens do que as mulheres... Disse a Maria, antes de vir, que ella devia sentar-se ao lado delle ao jantar e devia despedir-se delle, até á porta, todos os dias, quando elle fosse para o trabalho. Estando eu ausente, quem cuidará delle? Ella, a minha Maria, tenho certeza disso. O pouquinho que faz bem feito como é, suppre a minha ausencia. Somos todos muito unidos, em casa. Maria é o meu anjinho querido. Levaram-na, este verão, para o mar do Norte. Quando viu o mar, ella virou-se para as ondas, estendeu os bracinhos e cantou canções que eu gostava de lhe ouvir cantar. Disse que tinha esperanças que eu a ouvisse... E não teria ouvido, mesmo?... Meu pobre coração...

Meu amigo, ser artista e ser mãe é muito difficil. Quero ter mais um filho. Isto, entretanto, significa dois annos fóra da minha carreira. Mas por que não? Amo meu trabalho. Mas amo mais a minha Maria, com certeza.

Disse-lhe, naquelle momento, para distrahil-a, o que pensava do seu trabalho no Cinema e, especialmente, do film que a acabara de assistir. Ella me respondeu:

— Agradeço-lhe a bondade. Quasi tudo deve ser creditado a Von Sternberg. A artista é parcella. O director outra parcella. Meio a meio. Elle, entretanto, merece mais do que a metade dos louros. Sem elle, eu não faria aquillo, tenho certeza. Quando trabalho, sinto-me feliz. Não penso tanto na minha ausencia da Allemanha. Tenho um lar em Beverly Hills. Quando cheguei, vi e apreciei aquellas casinhas bonitas, tão symetricamente arranjadas. Limpinhas, bonitas. Achei que precisava ter uma dellas para mim. Agora, abomino-a. Um lar vasio, não é lar: é tormento! Tenho minha criada allemã, é certo e muitos cachorros para me distrahirem. Mas tenho medo de tudo e sinto-me extremamente só. Tocar o meu radio é um dos divertimentos predilectos que escolho sempre. Leio cartas de fans. Ouço meus proprios discos. Lar sem Maria, minha filhinha, entretanto, não é lar: é farrapo de felicidade...

Na minha proxima visita, disse, alegrando-se mais, trabalharei em New York. Assim, no intervallo dos meus films tomarei o navio e irei ver Maria. Emquanto preparam e estudam o meu proximo trabalho. Quatro dias que sejam, na presença della, serão quatro dias no Paraiso! Maria é toda minha felicidade. Eu preciso vel-a, o mais cedo possivel, antes que morra de saudades!!!

Acho que Maria deve orgulhar-se profundamente de sua mãe. Quando ficar mais velha, sentir-se-á orgulhosa por ter feito um semelhante sacrificio pela carreira de sua querida mãezinha. Ser filha de uma artista como Marlene Dietrich é honra insigne. E, sem duvida, Maria será digna da admiravel mãe que tem.

Mulher contra mulher...

(FIM)

Seis annos depois, David Compton era o marido de uma das mais conceituadas damas da sociedade londrina. Chamava-se Vesta e embora fosse uma belleza esculptural, era mais fria do que um proprio marmore celebre.

A vida de ambos, ali, eram chás de caridade, festas de proteccionismo aos desamparados, recepções aristocraticas e, com isto, sempre occupada, não tinha sequer a lembrança de se dedicar um pouco mais ao marido. Havia momentos em que elle não resistia e falava, sinceramente, sobre a situação tola que ambos levavam. Censurava-a. Dizia-lhe, mesmo, que não era sua esposa e, sim uma companheira, apenas... A phrase com a qual ella sempre o interrompia, era esta, pingada com toda a fleugma do seu todo irreprehensivelmente aristocratico:

— Não sejas melodramatico, David...

* * *

Uma noite, impellidos pelo destino, David e Vesta foram a um theatro ouvir Deloryse, a favorita de Paris. Era Lola. Quando sua voz por ali passou, branda, e foi pousar, mais macia, ainda nos ouvidos de David, cantando-lhe a mesma melodia que provocara o conhecimento de ambos, voltou-lhe a memoria, completamente. Veiu-lhe á recordação tudo quanto succedera com Lola, a sua promessa de casamento á amante, a situação que lhe tolhera os passos e o proprio **shrapnell** que lhe liquidara com a lembrança. Vesta, ali ao seu lado, passou a ser uma extranha. A custo lembrou-se que era sua esposa, ha longos annos e, tambem, a corrente pesada que trazia para sempre amarrada á sua existencia.

No intervallo, discretamente, procurou encontrar-se com Lola. Dias depois, encontravam-se novamente.

Houve a explicação toda. Que elle fôra tolhido no caminho para a casa do pretor. Que fôra ferido. Que perdera a memoria. E ella, por sua vez, contou-lhe a sua maior novidade: tinha um filhinho. Delle David e della. Elo suavissimo do amor que os consumira.

Naquelle dia, David não teve forças para lhe dizer a verdade. Occultou seu casamento. Dias depois, porém, quando ella lhe disse que então poderia elle cumprir a sua promessa, confessou que era esposo de Vesta Compton.

O choque, para Lola, foi forte. Ella sempre tivera a impressão que elle vivia e havia de apparecer para ser seu esposo. Mas não se zangou. Afinal, que culpa cabia a David, nisso tudo? Na semi-demencia em que vivera era impossivel ter reflectido nisto tudo.

O divorcio, para Vesta, era a unica solução viavel para a felicidade de ambos. Mas David conhecia-a. Sabia que não concordaria com isso.

* * *

David, certa manhã, contou tudo á esposa. A ligação com Lola e todos os pequeninos detalhes. Depois arrematou, emquanto ella o ouvia, fleugmatica como se tivesse diante dos olhos uma noticia sportiva sem importancia:

— Tem um filho que é meu. Queria adoptal-o. Acceitas o pequeno como nosso filho, ao menos?

Ella pensou um pouco para responder, apparentando distracção e desfazendo-se da chicara de café.

— Não. Não o acceito. Não, repito, são assumptos, esses, que pouco me importam. Admiro-me que fosse tão pouco decente o teu passado, apenas...

Era demais. David ergueu-se, dali, com a certeza e vontade de procurar Lola, fugir com ella para Paris, tornar-se seu amante para o resto da vida. Disse tudo isto á esposa. Ella ouvio-o. Depois accendeu um cigarro e começou a se preparar, sem mais dizer do que mais uma phrase de gelo:

— Faze o que quizeres. Repito, não me interessa o assumpto.

Era demais, sim. David sahiu. Iria procurar Lola e levaria avante o seu plano. De outra fórma era impossivel.

Quando sahiu, entretanto, Lola chegava; vinha procurar Vesta e trazia o filhinho.

A conversa de ambas, dali para diante, foi uma troca de lancetadas ironicas e perfidias mal disfarçadas, por parte de Vesta. Depois que a viu menos agressiva, Lola falou-lhe do seu filhinho Dayev. Perguntou se não o acceitava. Vesta disse que não, a principio e depois, começou a falar do ridiculo que seria, para David, qualquer solução conciliatoria com ella, a artista **popular** e outras cousas que foram calando no espirito de Lola. Afinal, quando a viu quasi derrotada, Vesta teve um pequeno arroubo de sentimentalismo, fingido ou não: abraçou o pequeno, disse á mãe delle:

— Acceito-o. Será meu filho, se assim permittir...

Instantes depois, Lola deixava a casa de David, sósinha, sem Davey, o seu maior amor... Era o maior sacrificio de sua vida.

* * *

A festa que Vesta Campton offereceu á sociedade, dias depois, foi magnificiente. Lola figurava, ironicamente, entre as artistas que se apresentariam para deliciar a assistencia. David, sabedor de tudo, mais abatido estava do que nunca. Sabia, perfeitamente, qual o sacrificio de Lola em favôr do filho delles e sabia que se ella ali estava era para ter opportunidade de rever o garoto que já tanta falta lhe fazia. Ignorava David, no emtanto, a saude de Lola em que verdadeiro estado estava. Soffria do coração e, attribulada com os ultimos acontecimentos, peorara, consideravelmente. O dr. Gavron, naquella noite, prohibira-lhe, sob pena de não se responsabilisar pela sua vida, executar qualquer sorte de bailado. Era, entretanto, justamente o que ella queria. Quando abriu-se o velario e ella ao publico daquella aristocratica reunião se apresentou, vinha mais linda do que nunca e mais formidavel, tambem.

Executou a dança, como jámais o fez. Quando terminou, num verdadeiro phrenesi, tombou. Carregaram-na. Levaram-na ao escriptorio de David. Lá, sósinha com elle e o filhinho que reclamará, longe dos epigrammas de Vesta, disse as ultimas coisas sentimentaes que tinha a dizer:

— Amei-te sempre. Vejo meu filho entregue aos teus santos cuidados de pae. Seria, realmente, um escandalo eterno na tua vida, quer como amante, quer como esposa. Faça-o feliz e lembre-se de mim, de quando em quando, querido.

Depois beijou o pequeno, demoradamente e voltou-se para David. Uniram os labios. Quando elle retirou os seus, depois de longos segundos, sentiu que os della já não tinham mais calôr, mais expressão...

Estavam mortos, como morta estava a favorita dos palcos de Paris, Lola Deloryse...

A alegria das festas

(FIM)

As suas amigas intimas, são Marjorie White e seu marido, Eddie Tierney, Maureen O'Sullivan, El Brendel e esposa, igualmente. Um dos seus defeitos, qualidade, afinal de contas, é ser muito dedicada para com seus amigos e, por isso mesmo, muito sugeita a ser por elles illudida.

Apesar de ser tão bôa artista de comedia quanto de drama, não esconde sua preferencia pelo genero de comedia musicada, o seu fraco. Lê pouco e o que mais gosta de ler é ficção, tanto em francez quanto em inglez.

Gosta de cavalgar, nadar e dançar. Joga tambem um pouco de **tennis.**

— O que mais gosto, entretanto, é dançar. Nem sabe como admiro isto.

Está preparando seus papeis para naturalizar-se Americana, porque, diz ella, esta é sua verdadeira Patria. Manda buscar vestidos em Paris e é a menina mais camaradinha e sincera que temos encontrado em nossa vida.

Uma carta para Janet Gaynor

(FIM)

Seja sincera, Janet, como artista, como mulher, como amiga e como esposa. E' formidavel a sua arte. Mas não se esqueça que ella é a consequencia de muitos passos felizes dados por outros em seu beneficio. O que seria você se elles não a fizessem **estrella?** Seja grata. Você será feliz, com isto. Como artista, venerea. Desejo que mude de rumo, na vida e seja immensamente feliz. — São os votos espontaneos que faz

ADELE WHITELY FLETCHER

Cinema de amadores

(F I M)

so? A "ouverture", contendo toda a essencia da opera, contém ao mesmo tempo uma serie de "motivos" conjunctos, que facilitam, pela sua variação, a adaptação ao enredo, sempre variavel, do drama.

Restaria falarmos sobre o desenho animado e sobre os discos que melhor se lhe adaptariam. Para essa classe de film, no emtanto, a questão depende do proprio enredo do desenho. Nesse genero de films, encontram-se todas as classes de pelliculas. Ha as comedias de gatos, por exemplo, e ha os films que se utilizam do desenho para ensinar zoologia. A questão, pois, resume-se em analyzar o desenho, como educativo ou como simples comedia, e então acompanhal-o com o typo de disco mais conveniente, segundo os preceitos acima.

E é so.

JACK

(F I M)

alguma coisa ás carreiras assim prejudicadas. O publico quer gente fa'ando naturalmente, sem constrangimento, sem affectação. Ainda que seja technica e artisticamente errado, eu falo como falo e não falo como querem os methodos ou os professores. Isso eu acho que é burrice, sinceramente.

De lado a bricadeira, continuou elle, eu acho que o que é preciso não é apenas ficar deante do microphone e **recitar** impeccavelmente os dialogos. Acho, ao contrario, que isso é o de menos. O essencial é representar e fa'ar, ao mesmo tempo. Tudo dosado e com a mesma sinceridade.

Continuou, depois.

— No theatro, a pantomina não causa effeito. No Cinema a tela mostra a cara muito grande e, assim, é inutil e terrivel conservar as feições de um eskimó, a menos que se trate de Buster Keaton... Alguns dos artistas aos quaes tenho aconselhado isto, têm-se rido de mim e não têm seguido o meu conselho. Continuam mediocres...

———

Emquanto isto, analyzavamos Jack. Tem cinco pés e dez pollegas de altura. Cabellos castanhos e olhos esverdeados. E' agitadissimo, nervosissimo. Não pára, um segundo e principalmente quando está falando ou contando qualquer cousa. Tem mãos finas, aristocraticas, pouco condizentes com o rosto rude e feio. Prefere roupas modernas, quasi collegiaes e sabe usal-as com gosto. Da sua carreira o film que mais aprecia é **The Gang Buster**, o ultimo exhibido, aliás, e o que mais deseja fazer, **The Song and Dance Man**, que Tom Moore já interpretou, ha annos, dirigido por Herbert Brenon.

Depois de **Johnny on the Spot**, que está filmando, fará **June Moon**. O seu director predilecto é Edward Sutherland, ao qual fez as melhores referencias. Fizeram, juntos, **O Leão da Festa** (The Social Lion), **O Amor Atravessa o Mar** (The Sap from Syracuse) e **The Gang Buster**. Diz elle que comprehendem-se perfeitamente, apreciam-se com muita amisade.

———

A cousa que elle mais detesta são refilmagens de trechos máus. Não costuma ensaiar. Costuma representar logo e tambem deante do microphone, sem ensaio algum. Inventa a maioria dos seus dialogos, na hora, de accordo com o que lhe pergunta o companheiro ou com o que lhe marca a situação.

Em materia de tomar conta de casa, é especialista. Sabe ser hospitaleiro como poucos, apesar de ser solteirão.

O melhor dos seus caracteristicos, é a facilidade com que elle consegue a sympathia de uma pessoa qualquer.

Da opera ao Cinema

(F I M)

justamente o melhor trecho do canto ou da representação com o seu "**corta!**" e isto era cacetissimo, achava ella. Quando assistiu seus films, entretanto, teve uma emoção violentissima e uma satisfação immensa. Achava-se melhor do que em qualquer outra ramo de arte que encarara e, assim, sentia-se immensamente feliz.

Sabem todos, com certeza, que quando ella fazia **New Moon**, com Lawrence Tibbett, rumores correram que as brigas entre ambos eram frequentes e que ambos o que queriam era a supremacia no film. A respeito disso, disse-nos ella.

— Semanas depois de estar trabalhando em **New Moon**, pouco ainda me tendo encontrado com meu companheiro o meu grande amigo e admiravel collega Lawrence Tibbett, soube que os rumores do Studio já me davam como ciumenta do seu successo, ao meu lado e, assim, que eu já irritada, procurava, por minha vez, prejudical-o. Depois, para peiorar a situação, disseram, igualmente, que elle e eu nos amavamos e que a esposa delle ia arrumar uma acção de divorcio, incontinenti. Felizmente tudo se desfez e, depois do film, mais amigos do que nunca, verificámos que o nosso brilho, juntos, foi o mesmo. Isto é: da mesma altura, sem prejuizo para mim ou para elle.

Falando da sua possibilidade de casamento, disse-nos ella.

— Não pretendo casar-me com um artista. Prefiro um marido que esteja completamente fora da industria e da arte. Alguem que me queira como mulher e não como **collega** ou **artista**. Ahi me casarei.

Foram, tambem, suas ultimas palavras.

Helen tal qual é ...

(F I M)

de saber que a haviam contractado para interpretar papeis comicos...

Era a escuridão immensa que precedia a aurora brilhante.

Já de malas promptas para deixar Hollywood, foi chamada por um grupo de amigos que ia deixar em Hollywood. Entre elles, um, muito attencioso e distincto, que a aconselhou a ficar. Ao menos até que ganhasse alguma cousa para poder fazer socegadamente a sua viagem. Levou-a elle á um agente de negocios Cinematographicos, cujo officio era **procurar** directores, assistentes e departamentos de elencos para offerecer as suas clientes e os seus clientes.

O agente levou-a logo aos Studios da Pathé. Lá, mais do que em qualquer outro, precisavam de boas artistas. Deram-lhe um **test** bom e, depois um contracto. Era a aurora que

começava a apontar no horizonte da sua vida...

O seu primeiro verdadeiro film, foi **Her Man**. Com elle, provou ella a toda Hollywood perplexa, que sabia representar e como! Era um papel como jamais havia tido outro semelhante. Era alguma cousa que por ahi diziam que ella não saberia fazer.

Perguntei-lhe alguma cousa sobre a época deste film e sobre movimentos de suas filmagens: animos, desanimos, torturas e confiança. Esperava phrases suas que marcassem o seu estado de espirito, naquella occasião. Queria que ella falasse de si.

— Eu nunca mais esquecerei Marjorie Rambeau. Você não pode imaginar o que é trabalhar com uma artista do valor della! Ella anima, enthusiasma, auxilia, conduz, com sua experiencia formidavel e dá um animo desusado á todo desempenho alheio, embora sabendo que está auxiliando justamente a estrella do film. Formidavel! Eu mesma, confesso, representei scenas, com ella, que jamais pensei ter forças e nem geito para representar. Quando terminou o film e, exhibido, foi um successo, ahi é que comprehendi que a maior parte do meu successo devia-o a Marjorie. Foi a melhor professora que já encontrei, em vida e a melhor amiga igualmente. E' uma artista formidavel.

Falou da outra, da companheira, da amiga. Nem siquer se referiu a si. E' espontaneamente modesta. Não é affectada.

O seu ultimo trabalho, presentemente, é **Millie**, do sensacional livro de Don Clarke. Seu papel é formidavel, igualmente e ella o elevará ainda mais, com certeza.

— Hoje sinto-me feliz. Tudo está direito. Nada me aborrece, nada me atormenta. Tenho apenas que trabalhar e ser feliz. Sinto, hoje, como se me tivessem tirado um immenso peso de meus hombros. Livre de idéas e livre de coração. Que colosso!

Os seus soffrimentos, antes de vencer, foram a corôa de espinhos que a sorte sempre colloca na cabeça dos predestinados.

Futuras estréas

FIFTY MILLION FRENCHMEN (Warner Bros.) — E' uma comedia. Tão agitada, tão rapida, que até chega a dar ventigens... Nem canções e nem dansas. Uma piada em cima da outra, apenas e algumas boas realmente. E' todo em technicolor. Olsen e Johnson têm as primeiras honras do film. Ha tudo que faça graça, neste film. O assumpto refere-se aos touristas americanos em Paris. Não perca.

DRACULA (Universal) — Recommendavel aos que apreciam mysterios. E' emocionante, aventuresco, mas, confessemos, poderia ter sido muito melhor. Quando chega o fim, o negocio daquelle vampiro (não uma mulher em setim negro e, sim, um homem-demonio). Bela Lugosi prende suas victimas com olhares hypnoticos e todos, na platéa, têm exclamações... Helen Chandler tem um esplendido papel como heroina sempre aterrorisada e ella lhe fará correr um calafrio, espinha a cima.

MEN ON CALL (Fox) — Um film trivial como as opiniões de uma estrella sobre a vida, com a differença de ser menos divertido... O engenheiro de estradas de ferro apaixona-se por uma pequena de theatro e, antes do final salva-a diversas vezes. Máu e ingrato assumpto para um artista como Edmund Lowe. Elle nunca devia ter sido chamado, assim, para gastar o seu talento com tão pouco e tão pequeno material. Mae Clarke tambem é victima do pessimo argumento. Não ha nada que se salve no film.

MANY A SLIP (Universal) — Collocaram, num mesmo elenco, Lew Ayres e Joan Bennett. Mas não conseguiram o' principal intuito: deslumbrar as platéas com semelhante dupla. E' uma comedia divertida e lidando com o problema humoristico (?) de se deve uma heroina tornar-se mãe ou não. E' logico que muitas platéas rir-se-ão disto, mas outras acharão cousa séria...

JAWS OF HELL (Sono Art-World Wide) — Os nossos amigos inglezes tambem enveredaram pelo caminho do espectaculoso... Trata-se da versão falada de **The Charge of the Light Brigade**, aquelle poema que todos os inglezes tanto presam. O assumpto é realmente emocionante e está mais ou menos bem tratado. Cyril Mac Laglen, um dos muitos irmãos de Victor, é o principal.

FIGHTING THRU (Tiffany) — Um film que agradará a qualquer platéa para as quaes seja mostrado. Não é feito para as grandes casas, é logico e nem para uma espectaculosa primeira, mas Ken Maynard e o seu cavallo Tarzan fazem tudo quanto de bom sabem e, ainda por cima, são rodeados por Jeanette Loff, tão linda, sempre e Wallace Mac Donald e W. L. Thorne, dois villões. Mac Donald tem uma scena de bebedeira muito feliz. Vale o preço de qualquer entrada.

THE LOVE KISS (Celebrity) — Uma comedia collegial que tem certo attractivo para as pequenas platéas e não chega a aborrecer. Olive Shea, uma pequena nova, é a principal e Forrest Stanley desempenha o papel de sympathico professor. Terry Carroll, irmão de Nancy, figura.

THE SECOND HONEYMOON (Continental) — Uma farça que de facto, tem alguns pontos engraçados. Josephine Dunn e o nosso antigo amigo dos tempos silenciosos, Edward Earle, têm os principaes papeis. A historia lida com a infelicidade domestica e tudo acaba bem, é logico.

A canção do berço

(F I M)

A primeira visita que Clara faz a Ashmore, resulta improficua. O velho nega-lhe qualquer veracidade na palavra de Jim. Seu filho, sabia-o ella, devia estar crescidinho, meninote, mesmo. Mas não estava com elle e nem elle sabia nada disso...

Desesperada, Clara procura o recurso extremo: um advogado. Elle resolveria o seu problema e tiraria o filho das mãos de Ashomre, se verdade fosse aquillo que Jim lhe havia dito.

O advogado que ella procura é o Dr. Stanley, conhecido e proficiente jurisconsulto e, infelizmente para ella, advogado justamente do industrial Ashmore que ella queria processar... Desesperada, sem mais recursos, explica ella toda a sua situação de desespero ao Dr. Stanley e elle, sob sua palavra, lhe diz que tem a plena certeza de que o filho do casal Ashmore é delles, realmente, pois sempre acompanhara a vida de ambos e jamais haviam tido segredos para com elle.

Suavisada, em parte, pelas declarações que lhe presta Stanley, Clara retira-se e, para melhor esquecer o seu infeliz passado e a eterna agonia da procura do filho, dedica-se com alma aos estudos musicaes, até conseguir, depois de muita peripecia e esforço, um logar saliente na opera de Berlim.

Artista celebre, em pouco tempo, Clara faz-se de viagem para os Estados Unidos, novamente e, sempre se lembrando do filho, torna a procurar o Dr. Stanley. Elle não a reconhece. O episodio da criança dos Ashmore é que o põe sciente de quem se tratava. Não querendo acreditar, ainda, elle deixa-se engolphar pela impressão forte que lhe causava Clara, lindissima, como nunca pensara que ella conseguisse ser e, sahindo disso, continua a convencel-a da quasi inutilidade dos seus esforços.

Clara, ali, tem, agora, outra recepção e outra attenção. Modificada, completamente, é uma mulher **chic**, cheia de fortuna e capaz de converter em admirador qualquer homem, por mais sisudo que elle seja...

A conversa recahe sobre o filho dos Ashmore e como ella percebe, claramente, que Stanley fôra illudido pelo cunhado, ella lhe diz que deixe entrevistar-se com o pequeno e que, depois disso, dirá se é ou não o seu. Um signal que elle tinha seria o sufficiente para provar o quanto ella dizia.

———

Satisfeita a sua vontade, graças á intervenção de Stanley, já mais do que simples advogado dando conselhos uteis a uma cliente, consegue ella que os Ashmore lhe mandem o filhinho para um encontro.

Madame Ashmore, entretanto, faz vestir o filho da cozinheira, um garoto mudo, da mesma edade de Bobby, com as roupas delle e ella propria leva-o á presença de Clara.

Desorientada, elle pede-lhe desculpas. Reconhece que o filho não é seu. Madame Ashmore é que se desculpa: "era por causa disso que tinha vergonha de lhe mostrar o pequeno..." E Clara ainda sente pena daquella "pobre" mãe...

———

E na casa de Stanley que o primeiro encontro entre mãe e filho tinha que se dar. Ella, convidada por Stanley, resolvera acceitar o convite para passar uma tarde na sua casa de campo. Stanley já a amava, profundamente e ella tambem correspondia a esse puro affecto daquelle distinctissimo cavalheiro.

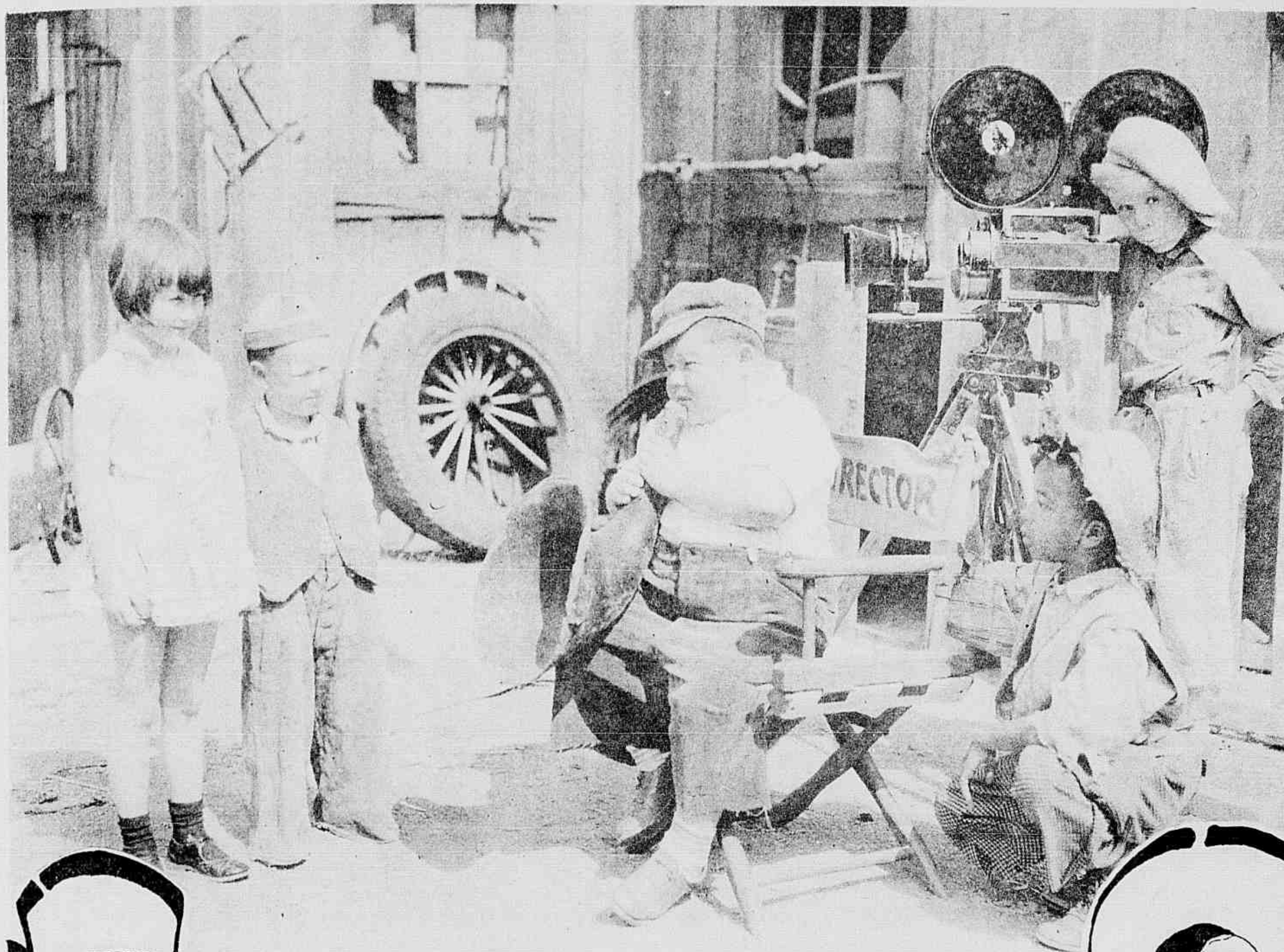
Bobby, por sua vez, ali se achava por ter brigado com seus paes e, genioso, correra para a casa do tio afim de se vingar da hostilidade que lhe movera a mãe.

Na lancha, á beira do rio, encontra-se ella com o garoto e é por este convidada para um passeio. Acceita, sem saber que elle é seu proprio filho.

Numa curva perigosa, a lancha tomba ao rio e ella, quasi com sacrificio de sua vida, salva-se e salva ao pequeno.

Elle, abatido, é acommettido de uma violenta febre e, delirando, reclama por sua mãe.

Defronte ao leito, Stanley comprehende que Bobby é filho de Clara. Não podia haver duvida. E elle concita delicadamente Madame Ashmore a renunciar ao seu desejo cruel de separal-os. Ella acceita e o marido tambem.

Com as melhoras de Bobby, Clara pode entregar-se com mais felicidade ao amor dedicado que lhe offerece Stanley. Era felicidade dupla. Encontrava seu filho e, ao mesmo tempo, o marido perfeito para seu coração amoroso.

Os Sonhos de Natal

O sonho lindo de todas as crianças, na quadra festiva do Natal, é a figura veneranda do velho Papae Noel. Em cada criança vivem sempre, por esse tempo, um desejo, um anseio, uma esperança, para a posse de um cubiçado brinquedo que o velhinho das longas barbas brancas traz escondido no sacco de surpresas. — Vou ganhar uma boneca! — sonha a menina. — Vou receber um trem de ferro! — deseja o menino. E cada brinquedo é um motivo de desejo para a noite risonha do Natal. Ha, porém, uma cousa cubiçada por todas as crianças — é o

ALMANACH D'"O TICO-TICO" PARA 1931

Publicação das mais cuidadas, unica no genero em todo o mundo, o

ALMANACH D'"O TICO-TICO" PARA 1931

que está á venda, em todo o Brasil, é um caprichoso album cheio de contos, novellas, historias illustradas, sciencia elementar, historias e brinquedos de armar. Chiquinho, Carrapicho, Jagunço, Benjamin, Jujuba, Goiabada, Lamparina, Pipoca, Kaximbown, Zé Macaco, Faustina e outros personagens tão conhecidos das crianças tornam essa publicação o maior e mais encantador livro infantil.

O Almanach d'O TICO-TICO para 1931

está á venda em todos os jornaleiros do Brasil, mas, se houver falta nesses jornaleiros, enviem 6$000 em carta registrada, cheque, vale postal ou em sellos do Correio á

Gerencia d'O Almanach d'O TICO-TICO

Rua da Quitanda, 7 — Rio — que receberão logo um exemplar.

PREÇO: 5$000 —— Pelo Correio: 6$000.

PIXAVON
PIXAVON
Minha senhora,
a moda actual exige não só que se accentue a linha do corpo, mas tambem que se use os cabellos cortados "á la garçonne", innovação graciosa e original que completa harmoniosamente a silhueta.
Mas, para obter este conjuncto harmonioso, não basta cortar os cabellos, é necessario que se possua uma cabelleira farta, flexivel e brilhante.
Este alvo que tantas mocas buscam em vão, V. Exa. poderá alcançar lavando seus cabellos, habitualmente, com PIXAVON, sabão liquido de alcatrão, conhecido e usado em todo mundo e que lhes dará a belleza, o brilho e a flexibilidade que permitte obter as encantadoras ondulações tão desejadas por todas as senhoras.
E' ao PIXAVON que as senhoras de hoje devem, em parte, as homenagens que lhes são rendidas, porque é elle que lhes completa a belleza e graça, dando-lhes uma cabelleira digna de ser apreciada e até invejada.
O PIXAVON é o unico no seu genero, e nenhum outro preparado de sabão liquido de alcatrão o substitue. Tanto para seu uso em casa como no cabellereiro, exija sempre a marca
PIXAVON.
O PIXAVON é vendido em vidros originaes, fechados.